



Cristiano das Neves Bodart, nascido na cidade de Iorubá, em 18 de fevereiro de 1981. Criado em Piúma até seus sete anos de idade. Vindo a residir em Iriri aos nove anos, onde morou até seus 23 anos, época que regressou para Piúma.

Estudou na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Mancebo de Paula Serrão" no ano de 1990, retornando a essa escola no ano de 2004, como professor. Atualmente leciona do Ensino Superior, em cursos de Graduação e especialização na Faculdade Novo Milênio.

É licenciado em Ciências Sociais/USC, especialista em Geografia do Brasil (FLJ), assim como em Ciências Sociais e Religião (FAPTA). Possui mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades (UCAM). Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. O autor é presidente e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Piúma (IHGP).

Este livro é destinado à todos aqueles que se apaixonaram por Iriri. Nele está contido a História de nossa gente e daqueles que por aqui passaram e contribuíram para a prosperidade do balneário.

Ao conhecer a História de Iriri, você, leitor, se apaixonará ainda mais por essa terra.

Iriri tu és um sonho...



Iriri tu és o amor.



Cristiano Bodart

IRIRI - A Construção de um balneário



Cristiano Bodart



Iriri

A Construção de um balneário



Cristiano das Neves Bodart

Iriiri

A Construção de um balneário

**1ª edição
2015**

Revisão gramatical:

Marta Freire Moreira

Diagramação e Capa

Dirceu Rodrigues

facebook.com/dinamocomunica

Editora:

Instituto Histórico e Geográfico de Piúma

Tiragem:

1.000 exemplares

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, sem autorização expressa da editora. Todo abuso será considerado violação da propriedade intelectual, nos termos do Código Civil e Penal. A violação dos direitos autorais punível como crime (Art. 184 e parágrafos do Código Penal, cf. Lei n° 5.998, de 14.12.73, Lei dos Direitos Autorais).

Ficha Catalográfica

B66 BODART, Cristiano das Neves. 1981
Iriri: a construção de um balneário. Instituto Histórico e
Geográfico de Piúma: Piúma, ES, 2015.
100p; 21cm
ISBN:
1. História. 2. Espírito Santo. 3. Iriri. IHGP. I título

Dedico este livro à minha esposa, Cassiane; à minha mãe, Neide Mara; ao meu pai, Joelson Bodart e; a meus irmãos, Cristiane, Carliane, Joelson Junior (in memorian) e Reynan (in memorian).

Agradecimentos

Este trabalho é fruto da contribuição de muitos. Destaco aqui alguns colaboradores pela participação direta.

À professora de História Márcia Alpoim que, com suas fontes, enriqueceu este trabalho. Não poderia deixar de agradecer a educadora Marta Freire Moreira pela leitura atenta e sugestões importantes durante a elaboração deste livro.

Minha gratidão à Escola Municipal de Primeiro Grau “Manoel de Paula Serrão”. À Rita de Cássia Mezdri, pelo apoio ao projeto e aos alunos que contribuíram inicialmente com a pesquisa.

À Cassiane C. Ramos Marchiori, minha esposa, que contribuiu na organização dos dados e das ideias apresentadas aqui.

Sou grato ao poeta Êrico Fernandes, in memoriam, pelos lindos poemas e, principalmente, pelas palavras de incentivo.

Agradeço aos que colaboraram com esse livro por meio de suas narrativas, sem as quais essa obra não teria se concretizado.

Ao membros do Instituto Histórico e Geográfico de Piúma por apoiar esse projeto.

Busco expressar minha gratidão à todos os que contribuíram para a realização desta obra com uma palavra: OBRIGADO!

Índice

Prefácio	9
Apresentação	11
Introdução	13
Por que estudar a História local?.....	15
Origens de Iriri	17
A Presença Indígena.....	21
Primeiros Donos de Iriri	23
Costumes e valores de um tempo antigo: Uma História de amor e coragem	37
Primeiras atividades econômicas.....	39
Fim do Isolamento econômico e social.....	43
O Processo de Loteamento	47
Arborização da Praia do Costa Azul.....	53
O desabrochar do progresso.....	55
A Igreja Católica em Iriri	73
Mitos Que Fizeram História.....	77
O Navio Paquetá	79
Artesanato	81
Os portugueses em Iriri	83
Belezas Naturais	85
Algumas pessoas que vivenciaram o “desabrochar” do Balneário.. ..	95
Considerações Finais	97

Prefácio

Durante muitos anos nossa História limitou-se a uma análise de escala nacional, quando muito à escala estadual, e aos heróis da pátria. Essa situação, herdada do positivismo, é fruto de um contexto marcado pela necessidade de construir a identidade nacional. O Ensino de História, após a Proclamação da República teve como objetivo dar unidade as narrativas, produzindo o que chamamos de identidade nacional brasileira. Desde aquela época as “pessoas comuns”, sobretudo negros e índios, foram relegados a um segundo plano de nossa História. Há algumas décadas, outros heróis surgiram. Heróis que não estavam entre as elites econômicas e políticas do país e histórias locais e regionais passaram a ser temas de diversos estudos e livros. Ainda que o valor da História Local não tenha seu devido status no meio acadêmico, esta vem sendo produzida e encantando àqueles que de alguma forma estiveram presentes ou próximos a essas narrativas da micro-história.

O livro “Iriri: a construção de um balneário” traz justamente o enfoque da micro-história, destacando seus “personagens comuns”. Esse tipo de História é de grande relevância para despertar o sentimento de pertencimento ao grupo social, bem como para a sua compreensão e, no frígir dos ovos, de si mesmo.

Certamente essa obra será de grande valia aos amantes e moradores desse lindo balneário. Os que desejarem conhecer como se deu a construção do balneário terão nessa obra um ponto de partida, nunca um ponto de chegada. Partida na direção de novas pesquisas e novos escritos, tão importante em uma época onde as identidades dos grupos sociais vêm se metamorfoseando e o conhecimento do passado se apagando das memórias.

O resgate da História Local deve ser realizado de forma constante, bem como o seu registro e divulgação e essa obra, nesse contexto, faz isso muito bem.

Cassiane da C. Ramos Marchiori, mestra em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Piúma (IHGP).

Apresentação

Este livro tem por objetivo colaborar para a preservação da memória do balneário de Iriri, localizado no município de Anchieta, no litoral sul do estado do Espírito Santo.

As pesquisas para a elaboração desse livro teve sua gênese em sala de aula, na Escola de 1º Grau “Manoel de Paula Serão”, onde na ocasião do início das pesquisas eu lecionava; isso no ano de 2003. Com muita motivação, ministrei aulas básicas de História e Geografia de Iriri, porém a curiosidade dos alunos me conduziu a realizar algumas pesquisas de campo com eles. Cada vez que compreendiam a História do balneário, passavam a olhar os elementos históricos com mais curiosidade. Isso foi gratificante. As curiosidades não pararam por ali, não só por parte dos alunos como também de minha parte. Surgiu então a ideia de levantar dados para aulas futuras. A curiosidade persistiu, as pesquisas se expandiram a ponto de durar aproximadamente um ano e vir a resultar neste livro. Acreditamos que aqui estão contidas muitas informações que poderão ser de base para novas pesquisas da História desse balneário, assim como uma fonte para o leitor interessado em conhecer melhor Iriri.

Embora com um processo de povoamento recente por parte do homem branco de, aproximadamente, um século, Iriri apresenta inúmeras curiosidades. Neste livro, o leitor entrará em contato com as origens e os aspectos que julgamos mais importantes para a formação deste balneário. Busquei aqui, descrever os fatos como o grupo social ‘Iririense’ os vê.

As metodologias utilizadas foram a pesquisa documental e a história oral, o que foi possível por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas a “moradores antigos” do balneário. A pesquisa documental se deu pela necessidade de buscar indícios oficiais das histórias narradas pelos entrevistados. Como filtro das informações, apenas nos apropriamos das histórias narradas por três ou mais entrevistados sem vínculos familiares.

Este trabalho foi elaborado com três finalidades: i) contribuir para que professores de História, que atuam na escola do balneário de Iriri, possam ter uma fonte de consulta que trate da História da comunidade; ii) ser um passo, dos muitos necessários, para o resgate da História de Iriri; iii) corroborar para a manutenção da identidade e do sentimento de pertencimento da comunidade do distrito de Iriri.

1

Introdução

Iriri, embora com um tamanho territorial pequeno, possui inúmeras belezas naturais, como praias e lagoa.

Se destaca no Estado do Espírito Santo como uma terra de sossego, apresentando, no verão, um grande número de turistas e um carnaval ímpar.

Iriri é um balneário do município de Anchieta, localizando-se a aproximadamente 90 Km (ao sul) da capital do estado, Vitória.

Anchieta faz fronteira com os municípios de Guarapari e Alfredo Chaves ao norte, Piúma ao sul, Iconha e Alfredo Chaves ao oeste. A leste o limite se dá com o Oceano Atlântico. A sede do município tem sua posição geográfica determinada pelos paralelos de 20°48'13" de latitude sul e 40°39'06" de longitude, a oeste de Greenwich.

O balneário de Iriri tem como limites a comunidade de Inhaúma ao norte, a comunidade de Subaia ao oeste, o município de Piúma (lagoa da Conceição) ao sul e Oceano Atlântico a leste, estando na Latitude de 20° 49'55" Sul e Longitude de 40°41',43"Oeste.

De clima tropical quente e úmido, na classificação de Koppen "Aw", Iriri oferece um "verão" de mais de sete meses. Segundo dados da EMBRAPA BOL. TÉC.Nº45 (1978), o distrito de Iriri possuía uma média anual de precipitação (chuva) de 1000 mm, sendo que a estação seca apresenta uma duração média de dois meses. De acordo com esse levantamento, a amplitude térmica, média anual, é de 23°, o que faz desse balneário ainda mais atraente, beneficiando aqueles que querem desfrutar de suas inúmeras praias.

Antes da urbanização, a vegetação litorânea de restinga predominava-se na região plana. Os pitangais eram os arbustos que dominavam o cenário.

Em 1950 a cobertura vegetal de Iriri era composta basicamente por restinga e Mata Atlântica. Hoje essa vegetação se limita a pequenos pontos isolados. Essa situação é fruto do progresso, da necessidade econômica e da falta de conscientização ecológica, a qual só agora, embora ainda pequena, está sendo desenvolvida nos moradores do balneário. Destaca-se como esforço de colaborar com a preservação do meio ambiente que restou, a Liga Ecológica de Iriri (LEI), cujo objetivo também se expande ao resgate da história local e, conseqüentemente, preservação da memória.

Iriri, em tamanho territorial, é um balneário pequeno, com

um tempo cronológico curto (oficialmente), mas possuidor de uma História repleta de curiosidades, capazes de fascinar e surpreender mesmo àqueles que fazem parte dela. Constatamos esse aspecto quando os que aqui há tanto tempo moram, ao lembrar a história e ao transmiti-la, deixaram transparecer uma alegria contagiosa, muitas vezes misturada a lágrimas furtivas de saudade.

Ao conhecermos essa História percebemos que “Iri” se transformou em Iriri graças, dentre outros motivos, à visão empreendedora de seus fundadores e à importante contribuição dos turistas e moradores locais. Iriri é prova de que a população, mesmo com pouca ajuda política, pode construir um balneário agradável. Torna-se necessário transmitir esta verdade para nossos filhos: Sem planejamento e união Iriri poderá “perder”¹ sua identidade e os encantos que ainda conserva.

Motivados pela beleza, os turistas lutaram pela melhoria de desse pequeno pedaço de terra. Em suma, Iriri é fruto do turismo e de muitos esforços de pessoas que a amaram e tudo fizeram para vê-la cada dia mais bonita e agradável.

¹ O termo “perder” está sendo aqui empregado no sentido de “abandono das raízes históricas”.

2

Por que estudar a História local?

Em meio ao processo de globalização, o estudo e o resgate da História local torna-se uma questão de sobrevivência cultural e identitária. O Globalismo tem como uma de suas características a homogeneização dos fenômenos sociais em prol das necessidades do mercado capitalista a fim de, promover o ‘gosto’ e o consumo em massa que facilite a produção e venda dos bens produzidos. Essa tendência se reflete no Ensino, onde observamos a valorização dos “heróis” nacionais e mundiais; a valorização, por exemplo, de fatos ocorridos no Nordeste brasileiro, na época da escravidão. Não quero aqui afirmar que o educando não deve estudar tais assuntos, mas é necessário levá-lo a compreender a escravidão partindo do local, em direção ao entendimento do nacional ou mundial. É necessário refletirmos a relação entre a micro e a macro-História. Só desta maneira existirá uma relação existencial entre o fenômeno estudado e o educando. Para que o ensino tenha um significado concreto, esse não pode estar distante no tempo e no espaço do educando.

Conhecer vários mundos por meio da leitura é importante, bom e desejável, mas não podemos renegar o conhecimento da história local. Aos “iririenses” esse livro pode tornar sua história de vida mais próxima à formação da identidade do “iririense”. Aos outsiders, esse livro poderá despertar a curiosidade de conhecer melhor esse belo balneário chamado Iriri.

Aos “iririenses”, em especial, digo que antes de ser cidadão do mundo é necessário ser cidadão de seu lugar.

A grande importância de conhecer a História local é levar o cidadão a sentir-se participante ativo de sua História.

Em meio à tendência de homogeneização, é fundamental conservarmos nossos valores, costumes e hábitos, entendendo que as histórias locais são partes integrantes de histórias nacionais, mas especialmente de nossa história de vida. Desta maneira, poderemos nos apresentar com um povo dotado de uma identidade cultural. A História é fundamental na preservação de um povo. Lila Kundera, em sua obra “O Livro do riso e do esquecimento”, afirma que:

Para liquidar os povos, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. Em uma outra pessoa lhes escreve outros livros, lhes dá outra cultura e lhes inventa uma outra História (KUNDERA, 1978).

3

Origens de Iriri

Iriri é um pequeno balneário pertencente ao município de Anchieta. Sua origem, portanto, está ligada às raízes de sua sede.

De acordo com Emiliana Gonçalves (1996), a fundação da aldeia de Reriritiba, hoje Anchieta, é objeto de controvérsias, podendo ter sido entre 1565 a 1567. Seu fundador foi, sem nenhuma dúvida, o Padre José de Anchieta.

No ano de 1577, Padre José de Anchieta recebeu o título de 4º Provincial do Brasil. Sua sede foi a Bahia, contudo, nesses dez anos em que lá residiu, não deixou de visitar nossa região. José de Anchieta acabou passando seus últimos anos de vida em Reriritiba, aldeia que ele tanto amou, vindo a falecer em 09 de junho de 1597.

Documentos encontrados na Casa da Cultura de Anchieta atestam que devido o aumento populacional da aldeia, em 08 de março de 1755, foi legalmente reconhecida como Vila, passando a se chamar Vila Nova de Benevente, porém a lei só foi cumprida seis anos depois.

De acordo com documento publicado em 1840, do Arquivo Público do Espírito Santo, em 1818, o distrito de Benevente (hoje os municípios de Anchieta, Iconha e Piúma) tinha 2.017 moradores; em 1856, possuía, 4.157 (entre eles 545 escravos), apresentando assim um crescimento populacional superior, por exemplo, ao distrito de Guarapari.

Somente em 1887, depois de 126 anos, Vila Nova de Benevente passou a ser considerada cidade, recebendo o nome “Anchieta” em homenagem ao seu fundador.

Provavelmente, o termo Iriri tenha sido primeiramente utilizado pelos jesuítas, tendo ouvido os índios chamar o local de Iri ou talvez Iri-iri.

O termo Iriri tem sua origem derivada da língua Tupi, o mesmo que Iri, que significa “vegetação de praia”. “Iri + iri” poderia está relacionado ao aumentativo ou se referindo a intensidade de vegetações de praia, uma vez que a região era coberta por restinga.

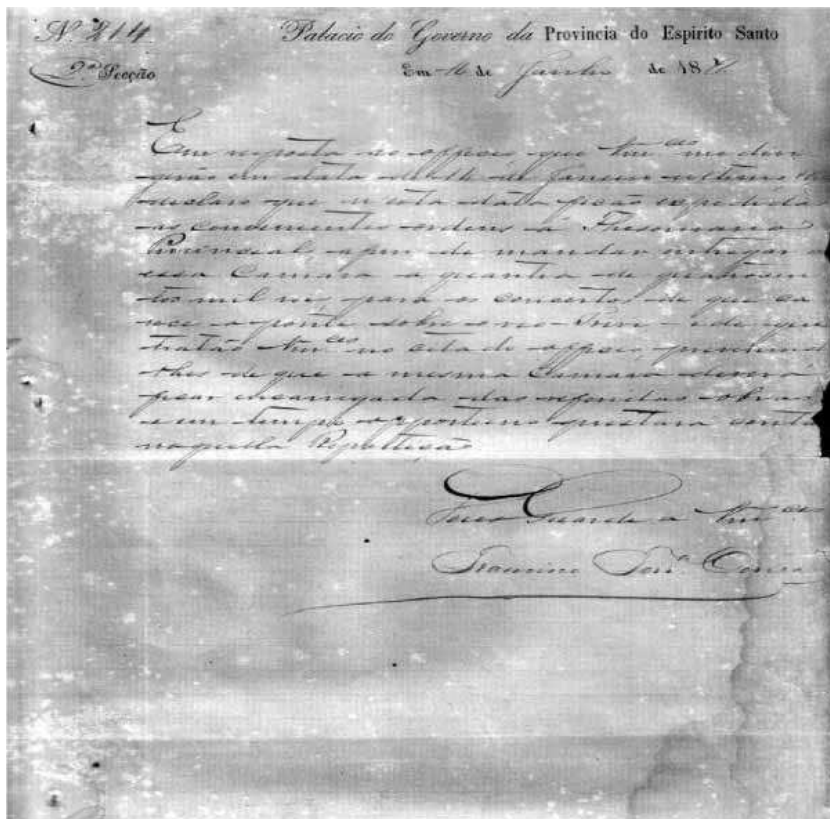
Com a expulsão dos índios de Iriri pelos brancos, a localidade passou a ser referida apenas como “algumas praias desertas que não apresentavam nenhuma importância econômica para Benevente”, sendo mencionada como “um trecho localizado entre a sede e o Vale do Orobó”, hoje Piúma.

No início do século XVII, o príncipe de Wied Neuwied, Maximiliano, em uma visita ao litoral do Espírito Santo, descreve,

em seu livro “Viagem ao Brasil”, nosso balneário da seguinte maneira:

Num pequeno vale aprazível encontramos um bosque de árvores imponentes e frondosas, tais como Cecropia, cocos, melastoma; entre elas corre o escuro riacho Iriri, atravessado por uma pitoresca ponte feita de troncos. Tucanos e maitacas (Psittacus menstruus, Linn.) eram comuns, e foram abatidos pelos nossos caçadores. Os macacos pulavam tão rapidamente entre os galhos das árvores, que era impossível atingi-los... (MAXIMILIANO, 1940).

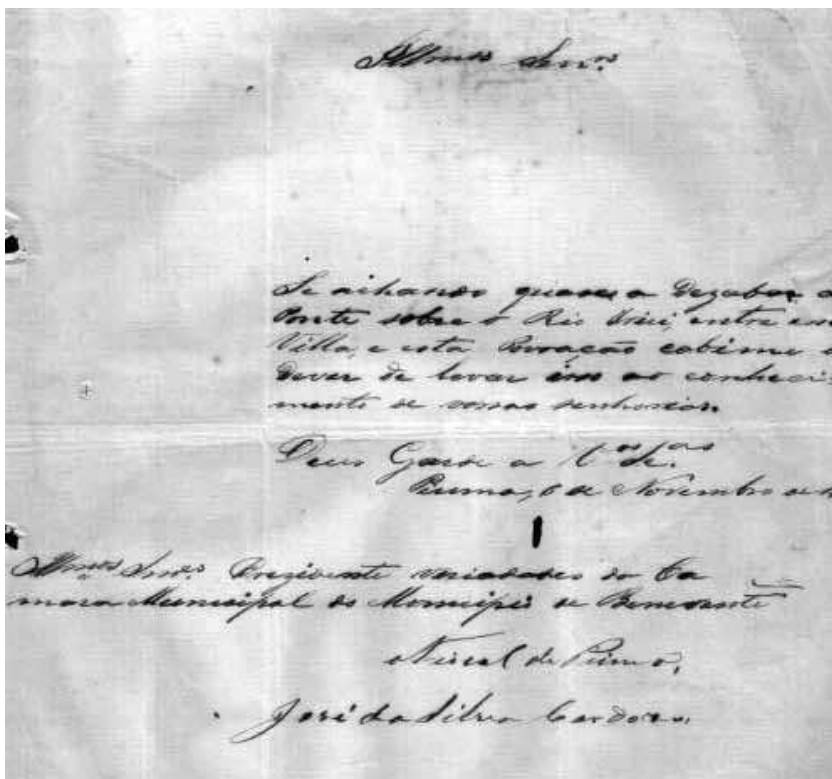
Ofícios encontrados no acervo documental da Casa da Cultura de Anchieta dos anos de 1862, 1867 e 1868 (ofícios de números 214 e 218) fazem menção à existência da ponte mencionada por Maximiliano sobre o rio Iriri.



Ofício de liberação de 400 réis para conserto da ponte de Iriri.
Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

De acordo com esses mesmos documentos, um vereador fazia um pedido de verba pública, pois a ponte precisava de reparos devido a sua constante utilização. O pedido foi feito por duas vezes, embora tenha sido oficialmente liberado a quantia de quatrocentos (400) réis para o conserto da ponte, parece que a reforma não foi executada.

No dia 06 de novembro de 1880 foi feito um outro Ofício reclamando das péssimas condições da ponte. Essa ponte existiu até, aproximadamente, 1930.



Ofício de 06 de novembro de 1880 sobre o estado da ponte sobre o “Rio Iriri”. Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

Da primeira ponte resta atualmente apenas uma de suas pilstras.

O caminho utilizado na região, que hoje corresponde a Iriri, era aquele que ia surgindo através das pisadas dos burros, meio de transporte mais utilizado devido a sua resistência física e ao relevo levemente acidentado da região.

A região de Iriri poderia ter se desenvolvido há mais tempo, isso porque no final do século XIX havia, por parte dos governos

de Minas Gerais e do Espírito Santo, interesse em construir uma ferrovia ligando Minas Gerais ao vale do Orobó. O projeto não saiu do papel o que propiciou a permanência de Iriri no isolamento.

Em 1889, falava-se em construir uma ponte sobre o rio Benevente², outro projeto desses mesmos dois Estados que não saiu do papel. Documentos existentes na Casa da Cultura de Anchieta comprovam esses intentos.

O desenvolvimento tardio, ironicamente, foi para Iriri fator primordial para termos hoje um balneário agradável.

Barreiras naturais

Só foi possível Iriri chegar ao século XXI com toda a beleza que possui, devido à existência de barreiras naturais e características físicas que não apresentavam vantagens econômicas.

“A importância de não ser importante”, fez de Iriri uma região bela em pleno século XXI. A sua não importância se evidencia no processo de povoação tardia.

A escassez de alimentos em Iriri fez com que os índios Tupiniquins que habitavam a aldeia de Reritiba, não fixassem em Iriri grandes aldeias, preferindo se instalar no vale do Orobó (atualmente o município de Piúma, Iconha e Rio Novo) devido ao solo fértil e alagado em algumas áreas.

Até o século XIX, Iriri era completamente desabitado, o que fez com que a região fosse preservada por muito tempo da ação humana.

Além das barreiras formadas pelos morros e pela vegetação, o rio Benevente também desempenhou grande importância para o isolamento de Iriri.

O rio Benevente tornava o acesso de Iri (hoje Iriri) à aldeia de Reritiba (atual Anchieta) um pouco difícil, sendo necessário à utilização de embarcações. O acesso a Iriri só foi facilitado com a construção da ponte de Anchieta, em meados do século XX.

Documento datado de 01 de Julho de 1871 encontrado na Casa da Cultura de Anchieta, faz menção a um pedido de reforma da ponte do Rio Iriri, nos levando a crer que esta ponte data de tempos mais remotos, uma vez que já se encontrava em situação precária. Iriri era caminho entre o vale do Orobó e a Vila de Anchieta.

A construção de estradas dentro de Iriri foi também um ponto importante para a integração de Iriri com o restante do Estado. A partir daí, surgiram as linhas de ônibus, as quais trouxeram turistas para essa linda terra.

4

A Presença Indígena

Estima-se que em 1579 havia cerca de 7.000 índios na região de Reritiba, que compreendia a sede (Reritiba), aldeia de Cutinga, aldeia de Jabaquara, aldeia de Araquara, aldeia de Monte-Urubú, aldeias das salinas, aldeia de Ubú e aldeia de Iriri (A GAZETA, Jun.1999).

Sambaquis e diversos documentos existentes comprovam que a redondeza era habitada por índios Tupiniquins, os quais geralmente se instalavam em grandes malocas, que comportavam cerca de 70 pessoas de uma mesma família.

O processo de ocupação do homem branco fez com que os índios emigrassem para outras partes do país. Os que permaneceram passaram rapidamente por um processo de aculturação. Por esse motivo que muitos moradores do município de Anchieta são descendentes de índio.

Em dezembro de 1921, Teixeira Leite, um religioso que viveu em Anchieta, fundador de um jornal que circulou na década de 1920 (“O Beijo”), escreveu uma poesia sob o título de “Fundação de Iiritiba”. Segue o poema:

*“Pregando a paz, gravando a fé nas almas rudes”,
Desbravando os sertões insalubres como ermos,
Viestes, serras transpondo e vadeando paludes,
Convertendo e sarando incrédulos enfermos.*

*A doutrina dos céus lança em simples termos
E sofres do índio hostil embora em Deus te escudes...
Tua seara floriu, para agora colhermos
O fruto eterno e bom das místicas virtudes:*

*Ao pé do Iiritiba ergues uma choupana;
Outras surgem depois pela verde colina,
Pois não paras, Anchieta, em tua luta insana:*

*E repartindo o bem, que alma perfeita encerra,
Aqui fica concluída tua obra divina
“Porque achastes afinal, o paraíso na terra.”
(Teixeira Leite)*

Através do poema de Teixeira Leite, profundo conhecedor da vida do padre José de Anchieta, pode-se constatar que o fun-

dador da aldeia de Iiritiba, atual município de Anchieta, contribuiu para o processo de aculturação indígena, desenvolvendo neles uma consciência religiosa estranha ao grupo, o que chamamos hoje de aculturação. Tal prática comprova-se através das obras do próprio José de Anchieta.

Na missão de Reritiba, os Tupiniquins receberam seis léguas de terras inalienáveis; em menos de 50 anos foram tomadas pelos colonos. (PERRONE; MOREIRA; 2003).

5

Primeiros Donos de Iriri

Quando os jesuítas realizaram suas missões em Iriri, entre os anos de 1570 a 1597, habitavam aqui os índios tupiniquins.

Registros existentes na Casa da Cultura de Anchieta afirmam que o padre Anchieta realizou uma estimativa populacional, constando que nas aldeias de Iriri, Jabaquara, Curinga (ou Quatinga), e Araguára, somados, havia mais de 2.000 índios tupiniquins.

Em 1584, Vasco Coutinho Filho concedeu uma sesmaria ao Jesuíta Pedro Rodrigues, que seria para o aldeamento de índios cristianizado. Essa área compreendia entre o rio Itapemirim e a lagoa de Maimbá, com seis léguas para o sertão.

Já no início do séc. XX, as terras de Iriri (antes chamadas de Inhaúma) pertenciam ao Arcebispo e Coronel Dom Helvécio Gomes de Oliveira da congregação Salesiana.

Dom Helvécio Gomes de Oliveira nasceu em 1876, em Anchieta/ES. Havia perdido seu pai ainda criança. A família Oliveira era proprietária de terras em Anchieta, onde nasceu. As condições financeiras da família possibilitou que ele saísse de Anchieta para estudar. Foi, em 1888, aos 12 anos estudar junto com seu irmão Manoel, no colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói/RJ, onde teve inicialmente muitas dificuldades na assimilação dos estudos, porém se destacando dos demais aos 16 anos (PEREIRA, 2010). De acordo com Pereira (2010, p. 41) a condição financeira de sua família o colocou em situação privilegiada dentro da escola e da Igreja Católica. Ainda jovem, Helvécio foi estudar em Roma e Turim, na Itália.

Dom Helvécio em 1894, na Itália, onde ficou até 1897, recebeu das mãos do superior geral, Dom Miguel Rua, as vestes clericais da Sociedade de São Francisco de Sales. Regressando ao Brasil foi para Mato Grosso, na cidade de Cuiabá, onde foi ordenado Presbítero pelo Bispo Luís Carlos D'Amour, em 09 de julho de 1901 (PERREIRA, 2010, p. 56).

Aos 25 anos de idade, destacava-se dentre os demais sacerdotes. Notas de testemunhos, afirmam que,

*[...] suas atitudes enquanto administrador e de organizador nota-se que a sua inteligência fácil e pronta, a intenção muitas vezes feliz no julgar homens e coisas*³

Em 1903, Dom Helvécio desobedece ordens de Dom Carlos Luiz D'Amour e celebra uma missa sem seu consentimento, o

³ *“sue attitudini in fatto d'amministrazione e di organizzazione si nota che la sua intelligenza facile e pronta, l'intenzione molte volte felice nel giudicare uomini e cose.” Cf. relatório do sacerdote Pietro Massa, SDB, enviado ao Núncio Apostólico no Brasil Giuseppe Aversa, datada de 09 de março de 1914. Pasta Dom Helvécio ASC-Roma/Itália. Tradução de Perreira, 2010, p. 65.*

que trouxe grande conflito entre o Dispo e Helvécio.

Padre Helvécio Gomes de Oliveira, brasileiro, diretor (...) muito relacionado com os maçons, espíritas e outros que se acham fora do grêmio da Igreja, celebrou a dita missa com o maior escândalo dos fiéis no Liceu Salesiano (...) Em vista desta grave ofensa, feita ao humilde bispo de Cuiabá, e por conseguinte aos seus veneráveis irmãos, os bispos do Brasil (...) expedí uma portaria, exonerando os salesianos (...) suspendendo-os do uso de suas faculdades (...) limitando-os a funcionar na capela dos seus colégios (...) até que a gravíssima ofensa pública e solene com que me feriu o P. Helvécio seja publicamente desagravada (AZZI, 1983B, p. 340 apud PERREIRA, 2010, p. 79).

Essa situação motiva uma campanha contrária o leva, em 1904, a ir para São Paulo/SP, depois passando por Niterói/RJ e Campinas/SP onde foi, em 1918, foi nomeado Bispo. Nesse mesmo ano retorna para o Mato Grosso, para a cidade de Curumbá.

Em 22 de novembro de 1922 foi empossado na Arquidiocese de Mariana, onde atuou por 38 anos. Em Minas Gerais, esteve fortemente ligado ao grupo Belga, tento inaugurado, em 1944, o Alto-Forno IV da Usina que recebeu seu nome. Em 1954, a convite do Diretor Geral da Belgo, Albert Scharlé, fundou e assumiu o Ginásio da cidade de Monlevade. A partir do ano de 130 Dom Helvécio Gomes de Oliveira construiu diversas igrejas, escolas e hospitais. O arcebispo foi um dos pioneiros na luta pela preservação do Parque Estadual (mineiro) do Rio Doce (MEMÓRIA BELGO).

Homem poderoso, construiu o prédio onde hoje funciona a Escola Família Agrícola de Olivânia. Outras obras evidenciam sua inclinação para o poder e a desenvolvimento econômico, tais como a frase que registrou em uma de suas igrejas construídas em Mariana, em 1945: “Fundir ferro para a pátria. Levantar igrejas para Cristo. Nem pequena é a glória. Nem menor o labor”.

Para compreender o que teria levado o Arcebispo e Coronel Dom Helvécio Gomes de Oliveira a possuir terra nessa região, recorremos a História da Igreja Católica que nos é bastante elucidativa. Na Idade Média, a Igreja Católica Apostólica Romana se tornou proprietária de entre um terço e metade de todas as terras do Europa Ocidental. De acordo com Leo Huberman (1979), essa conquista foi possível graças aos seguintes fatores: i) homens preocupados em estarem ao lado de Deus após a morte e, antes de morrerem, doavam parte de suas terras à igreja; ii) alguns nobres que ao vencerem uma guerra e se apoderarem dos despojos e da terra do inimigo, doavam parte à Igreja; iii) a igreja também aumentava seus domínios através dos dízimos. iv) Outra forma utilizada pela igreja Católica, para ampliar seus

domínios, foram as Cruzadas que, em nome de Deus, matou, torturou, despojou àqueles que não aceitavam a sua dominação.

A vinda da Igreja Católica para o Brasil foi impulsionada pela busca de riquezas e de fiéis. A missão da Igreja era conquistar, aqui, os fiéis perdidos na Europa para a Reforma Protestante e para o Iluminismo.

O povo que para inicialmente veio para as terras de Anchieta era Português e católico e, conseqüentemente, habituado a praticar todos os atos para contribuir para a prosperidade da Igreja Católica. Seria ingênuo ignorar a possibilidade de que no Brasil e nas terras de Anchieta esses atos “religiosos” de dominação não teriam sido realizados. É claro que “em nome de Deus e da Igreja”, pois essa era a ideologia religiosa vigente na época.

Até a Revolução Industrial europeia, a terra era a riqueza existente. Era de interesse da Igreja Católica acumular propriedades por essas bandas. A partir do desenvolvimento do comércio, o capital passa a ter maior importância em relação a posse de terras. No início do século XX não era tão interessante para a Igreja e seus sacerdotes possuir terras no Brasil, mas sim capital. Possivelmente esse teria sido um dos motivos das vendas das terras que estavam nas mãos de Dom Helvécio, além de sua ida para Mariana/MG.

É difícil realizar aqui uma afirmativa concreta em relação à aquisição das terras por Dom Helvécio. Tudo isso, como já afirmado, não passa hipóteses baseadas nos poucos indícios encontrados, uma vez que muitos documentos que estavam nas mãos da Prefeitura foram queimados no início da década de 1990, restando poucos documentos históricos sobre o município. O “herói” da recuperação dos documentos que restam se deve a um senhor que muito se apaixonou pela nossa história, chamado Elias Rodrigues (in memoriam), conhecido como “Tio Liliu”, evangélico, que soube compreender a importância dos estudos sobre o Padre José de Anchieta, como vulto histórico, como homem “além de seu tempo”⁴, capaz de aprender uma língua indígena e normalizá-la numa gramática; capaz de atuar na área da construção e engenharia, navegação, diplomacia, literatura e medicina homeopática. Coube ao professor Elias, não graduado em História, mas historiador de fato, também coletar e registrar histórias do passado, depoimentos de moradores antigos, peças, utensílios e relíquias que hoje enriquecem a “Casa da Cultura” do município de Anchieta.

Dom Helvécio, no início do século passado, teria transferido metade das terras de Iriri a Pedro Pereira da Silva para vendê-las, sendo num total de aproximadamente 200 alqueires de terras.

⁴ Expressão usada aqui no sentido de “visionário”.

Inhaúma, Três Barras... eram de Dom Helvécio (...) Era Dom Helvécio dono de três Barras pra cá (...) (Otávio Pereira dos Santos).⁵

Dom Helvécio faleceu em 1960, no município de Coronel Fabriciano (MEMÓRIA BELGO).

Iriri completou, em fevereiro do ano de 2013, 66 anos de história oficial, pois foi nessa data que o primeiro terreno foi registrado na Prefeitura Municipal. Foi o Sr. Manoel de Paula Serrão o primeiro a registrar um lote na atual praia do Costa Azul.

De acordo com Idalgisio Simão (1991), Manoel de Paula Serrão foi um grande negociante, cuja atividade girava em torno da firma Serrão & Cia., uma das mais importantes do sul do estado do Espírito Santo. Um homem dotado de cultura política adquirida em suas várias viagens pelo Brasil, porém nunca foi militante partidário, mas tendo apoiado seu primo Idílio de Paula Beiriz na década de 1930 e ao seu genro Dr. Danilo Monteiro de Castro, a partir de 1947. Suas ideias contribuíram para a projeção do balneário de Iriri. Suas ligações políticas possibilitaram adquirir verbas para a estruturação do balneário.

Manoel de Paula Serrão faleceu no dia 03 de novembro de 1958, sendo sepultado no cemitério de Iconha, onde residia. Idalgisio Simão assim o descreveu: “Dotado de um espírito empreendedor, foi o fundador do balneário Iriri, Município de Anchieta” (SIMÃO, 1991).

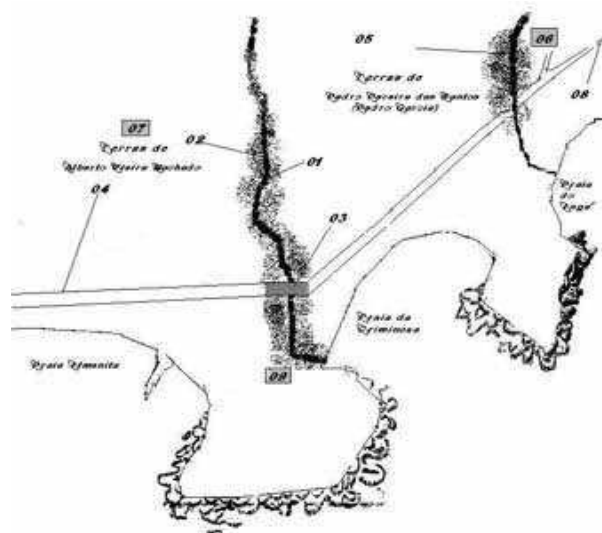
Acredita-se que o primeiro dono oficial de “Iriri” (a parte sul) tenha sido o Senhor Francisco Nogueira, que teria vendido ao Senhor Alberto Vieira Machado (conhecido como Alberto Alpoim). O Iriri do Senhor Francisco Nogueira não é o que hoje conhecemos. Seu território se limitava entre a lagoa (ao sul) e a nascente que deságua no início da atual praia da Costa Azul (ao norte). Nessa mesma época, as praias, hoje chamada Costa Azul e Namorados, não pertencia a Iriri, mas sim à Inhaúma, tendo como dono Pedro Pereira dos Santos.

De acordo com fotos e com a senhora Jacira Fernandes dos Santos, moradora da redondeza desde 1951, a baixada de Iriri era coberta por pitangueiras, tendo os morros cobertos por florestas de Mata Atlântica, onde existiam vários macacos e pássaros.

O córrego, que se localizava onde hoje é o “Bar do Manoel Portugues”, era inicialmente o limite entre Iriri e Inhaúma. Tratava-se de uma fronteira natural que também limitava as duas pequenas fazendas existentes. Sobre esse córrego havia uma pequena ponte de madeira, essa de grande utilidade, uma vez que o brejo era significativamente extenso e profundo, o que impedia a passagem, fosse montado sobre animal, fosse à pé.

⁵ Entrevista realizada em 2004, quando o entrevistado tinha 83 anos.

Inhaúma era lá e Iriri era de cá (...) Ali era uma ponte, na baixada de Iriri (...) A ponte era grande. Era por cima do brejo (Genésio Cardoso ⁶).



Mapa de Iriri nas primeiras décadas do século XX

Fonte: Reconstituição baseado em depoimentos.

- 01 – Nascente que dividia as terras das duas famílias;**
- 02 – Pequena cachoeira onde as mulheres lavavam as roupas;**
- 03 – Ponte sobre o brejo, utilizada para a passagem de Gado;**
- 04 – Primeira estrada;**
- 05 – Brejo onde a família Pereira dos Santos cultivava arroz;**
- 06 – Residência de Pedro Pereiras dos Santos;**
- 07 – Residência de Alberto Vieira Machado;**
- 08 – “Caminho de burro” que ligava Iriri à sede;**
- 09 – Primeira Capela.**

De acordo com o Recenseamento do Brasil, realizado em 01 de setembro de 1920, as terras do córrego para o sul, até o rio Iriri, pertenciam ao senhor Alberto Alpoim e a sua esposa Juventina Gertrudes da Conceição, que tiveram cinco filhos, porém um deles deserdado.

As terras de Alberto Alpoim era o Iriri da época, uma vez que a outra parte, pertencente a Jorge Pereira dos Santos, era chamada de Inhaúma. Essas partes eram separadas pelo brejo, que se localizava onde é hoje o Bar do senhor “Manoel português”,

⁶ Entrevista realizada em 2004, quando o entrevistado tinha 70 anos.

como mencionado anteriormente.

Possivelmente, muitos terrenos chegaram a ser vendidos ainda pelo senhor Alberto Vieira Machado, isso devido à necessidade de um tratamento de saúde.

Ele ficou doente (...) Não tinham dinheiro para pagar, porque sofria de asma e bronquite. Então foi ficando fraco (...) Não tinha mais dinheiro, então ele dava os terrenos em troca de remédios (Leonídia Alpoim ⁷).

No final do século XIX, chegou por essas terras um jovem Sergipano de nome Pedro Pereira dos Santos, conhecido como Pedro Garcia, pois fora criado como afilhado do capitão Feliciano Garcia e de Ana Garcia.

Pedro teve como pais biológicos Antônio dos Santos e Ana Pereira. Foi criado pelo capitão Feliciano Garcia, devido a dois fatos: i) sua mãe, Ana, era uma escrava e teve seu filho adquirido liberdade no cumprimento da Lei do Ventre Livre (Lei de 28 de setembro de 1871), ganhando a criança o direito de liberdade; ii) sua mãe contraiu Febre Amarela. Devido a essas duas situações Ana teria deixado com o Capitão Feliciano seu filho de apenas três meses de vida.

Aos oito anos de idade, quando o menino iria ser registrado, seu pai biológico não permitiu que a criança recebesse o sobrenome Garcia. Mesmo assim, muitos o chamavam de “Pedro Garcia”, ainda que tendo o nome de registro civil “Pedro Pereira da Silva”.

Este jovem conheceu uma mineira chamada Julieta, por quem se apaixonou, porém os pais da jovem, Virginia Miranda e Joaquim Miranda, portugueses, não permitiram o namoro dos dois.

Devido à insistência dos jovens, Joaquim Miranda resolveu mandar sua filha para o Rio de Janeiro morar com o seu filho Joaquim Miranda Filho, que era coronel, interrompendo assim seus estudos.

Pedro, muito apaixonado, foi em direção ao Rio de Janeiro à procura de Julieta. Ao encontrá-la, os dois fugiram acobertados pelo irmão de Julieta, para o interior do Espírito Santo e, posteriormente, se dirigiram para as terras de Dom Helvécio. Os pais de Julieta acabaram aceitando o seu casamento com Pedro.

Depois de casado, Pedro Pereira dos Santos vendeu aqui, a mando de Dom Helvécio, cerca de 200 alqueires de terra, contudo sete desses alqueires comprou para si⁸. Sua terra adquirida fazia fronteira com o terreno do senhor Alberto Alpoim. Em suma, Alberto Alpoim era dono das terras que se estendiam do córrego para o sul até a lagoa, e Pedro Pereira dos Santos, dono

⁷ Entrevista realizada em 2005, quando a entrevistada tinha 70 anos.

⁸ Informação fornecida em entrevista pelo filho Otávio Pereira dos Santos.

das terras que iam do córrego até a praia de Santa Helena.

A família de Pedro Pereira dos Santos era composta de 17 filhos (Jorge, Carlos, Antônio, Diogo, Otávio, Emiliano, Cléria, Jorgina, Aurora, Juliana, Alzira, Ernestina, Cristina Aparecida, Ana e dois filhos que morreram ainda bem pequenos) todos trabalhavam com o pai, como pequenos produtores de café. O café era vendido para uma firma de Vitória, chamada BUAIS, que o buscava com barcos de aproximadamente 20 metros, o quais atracavam a 50 metros da atual praia da Costa Azul. Cabia aos agricultores levar os sacos de café sobre os ombros até a praia e de lá, em uma canoa, até o barco.

Pedro Pereira dos Santos inicialmente trabalhou como “corretor” de Dom Helvécio de Oliveira, mas também trabalhou na firma Duarte & Beiriz (nas regiões de Piúma e Iconha) como fiscal de mercadorias e exerceu, por um tempo, a função de delegado dessas terras.

A família Pereira dos Santos desenvolveu, para a própria subsistência, a policultura em suas terras, embora cultivasse mais a cana-de-açúcar, o feijão e o arroz. Na produção de rapadura a família usava bois, os quais puxavam bolandeiras que moíam a cana, em uma espécie de engenho.

De acordo com Otávio Pereira dos Santos, seu pai, na década de 1920, costumava caçar veados nas redondezas de Iriri e Inhaúma, “chegando por várias vezes em casa com o lombo do burro carregado com três ou quatro caças”.

Pedro Pereira dos Santos faleceu por volta do ano de 1946. Seus filhos ficaram com suas terras. Seu filho, Jorge Pereira dos Santos, ficou com a parte da atual praia do Costa Azul. Assim como, Alberto Viera Machado vendeu suas terras, o senhor Jorge Pereira dos Santos também o fez. Com a venda de suas terras os brejos foram sendo aterrados e a ponte deixou de ser utilizada e, conseqüentemente foi se deteriorando.

A ponte era grande. Era por cima do brejo (...) Ai eles foram indo, foi vendendo, foi vendendo e os veranistas aí de fora, foram aterrando (Genézio Cardoso).

O primeiro a comprar as terras do balneário das mãos dos “Garcias” foi Manoel de Paula Serrão, o qual possuía interesse especulativo. Em 1941 já havia comprado os seus primeiros lotes da família Alpoim e em 1946 comprou a parte norte das mãos de Jorge Garcia. Apostando que seria um bom negócio.

Manuel de Paula Serrão percebeu a vocação turística dessas praias. Para que seus intentos fossem alcançados tratou de unir forças para promover o desenvolvimento do lugar, criando

“grupos de amigos de Iriri” e doando terrenos para construção de infraestrutura, como por exemplo, terreno para a construção da escola. Foi encomendado por ele um plano urbanístico, onde constavam ruas largas, bem planejadas, com áreas para praças e canteiros. O topógrafo responsável pelo projeto foi o carioca Diógenes de Paulo. Isso comprova que Iriri foi, desde o início, planejado para ser um balneário, fato que raramente ocorre na história de outras localidades. A própria venda dos lotes foi propositadamente direcionada à pessoas de fora, preferencialmente mineiros, que possuíam significativo poder aquisitivo, objetivando quase que uma seleção entre os proprietários de imóveis nessas praias.



Festa na Igreja na década de 1950

Foto: BRUNINI, Guido.

Exmo. Sr. Prefeito Municipal desta cidade de

Anchieta.

Ciente:
O' Tesouraria para informar
quant. do teor da presente petição
Em, 22/8/57.
Manoel de Paula Serrão
Município

Manoel de Paula Serrão, brasileiro, proprietário, residente na cidade de Iconha, tendo pago a esta Tesouraria a quantia de cr\$. 1.305,70, de varios impostos, conforme constata-se do talão Nº 11.556, de 2o de corrente mes, verificando hoje equivoce nos lançamentos correspondentes ao dito talão, vem com devido respeito encarecer que se digno autorisar a restituição da quantia de - cr\$.848,60 montante da diferença verificada, conforme demonstração abaixo:

Lote Nº 6, com 235 m2. pertencente aos Srs. Antonio Rodrigo Barreto e ao Dr. Darcy Ribeiro.

Lote Nº. 44-C- com a area de 165 m2 pertencente a Sr. Plinio Araujo.

Lote Nº 9 com 318 m2. pertencente ao Dr. Carlos de Figueiredo Córtes, todos residente em Mimosa do Sul.

Deante ao exposto solicito mais a V. Excia que autorize o cancelamento da queles lançamento por ser de justiça.

Nestes termos.
P, deferimento

Anchieta 21 de Agosto de 1957

Manoel de Paula Serrão
(Manoel de Paula Serrão)

RECEBIDA
CASA DA CULTURA DE ANCHIETA
O. N.º 15812/64
P. 884
C. Ribeiro

Ofício emitido por Manoel de Paula Serrão solicitando ressarcimento de suposta cobrança indevida sobre três (03) de seus lotes. 1957. Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

Um amigo de Manoel de Paula Serrão que muito lhe ajudou no processo de povoamento foi o senhor Guido Brunini, que ao conhecer o balneário teria ficado encantado.

Guido Brunini, usando de seu ofício, fotografou Iriri e usou



“Centro” de Iriri na década de 1940

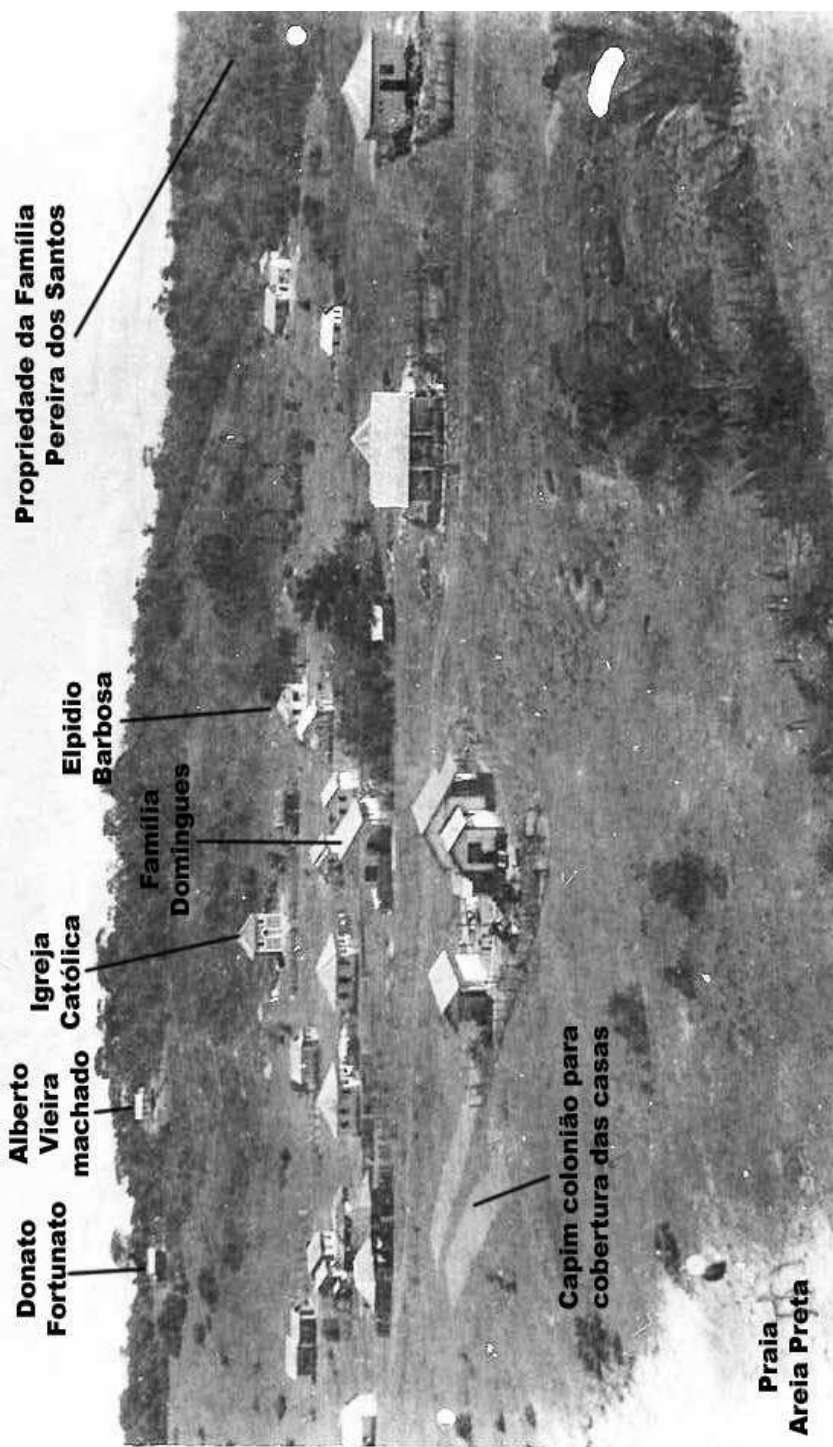
Foto: BRUNINI, Guido.

Os loteamentos da área de Inhaúma foram registrados como localizados em Iriri. Assim, nosso balneário estendeu-se até a Praia de Santa Helena.

Antes de receber infraestrutura mínima, as terras de Iriri possuíam um baixo valor comercial devido ao solo arenoso, aos brejos e à precária estrutura local. Contam algumas pessoas que as terras eram comumente trocadas por gado de corte ou de leite.

Com os aterros dos brejos, a organização das ruas, a chegada de veranistas e a implantação dos primeiros hotéis, Iriri passou a adquirir um maior valor imobiliário.

Há pouco menos de cinquenta anos, Iriri deixou de ser apenas um vilarejo, onde predominavam casas de paredes de barro e tapagens de palha para tornar-se uma área urbanizada e de forte atração turística. Atualmente o balneário recebe turistas de todo o país, assim como estrangeiros.





Iriri na década de 1960.

Foto: Brunini, Guido.

Em princípio, podemos afirmar que os veranistas tiveram um papel importantíssimo no desenvolvimento do balneário, porque foram, juntamente com moradores locais, os protagonistas do surgimento de Iriri como vila. Foram eles que, atraídos pelo sossego e beleza do lugar, compraram os primeiros lotes vendidos pelo senhor Manoel de Paula Serrão, os quais foram adquiridos das famílias Alpoim e Pereira dos Santos.

Muitos veranistas que aqui construíram casas passaram a se apresentar como “verdadeiros cidadãos não eleitores”. Muitas famílias como Domingues, Pires, Cordeiro, Rodrigues e Braga, embora não residindo aqui, envolviam-se com as festas da pequena Igreja Católica para o levantamento de fundos, buscando sua ampliação, que foi concretizada anos depois, e divulgando o balneário através de propagandas.

O Espírito Santo, paraíso dos turistas do futuro

LOURIVAL SERRAO

Longe não está o dia em que, para o Espírito Santo, descerão, em massa, os habitantes das serras mineiras e dos planaltos goianos, em busca do tônico de juventude que reside no ar puro das nossas alvas e loiras praias, que debriam nosso território minúsculo.

A história do nosso Estado deverá ser dividida, então, em duas grandes fases: antes e depois dos seus balneários praias.

O trabalho dos capixabas, aqui ou alhures, emoldurando a tela das mais belas realizações, com um Atílio Vivacqua no campo jurídico e parlamentar, Levíno Fanzeres na pintura, Jerônimo Monteiro Filho, na cirurgia, Rubem Braga nas

letras e tantos outros nomes laureados, não projetou tanto o Espírito Santo como um punhado de areia preta de Guarapary, cuja fama já atravessou nossas fronteiras.

Como Guarapary, possuímos outros balneários dignos de nota. Marataises, que o cachoeirense transformou numa cidade, no vizinho município de Itapemirim.

E há 5 anos, como se cumprindo um determinismo histórico, surge Iriri, até então desconhecida, e tão próxima de nós cachoeirenses. Fora preciso que um príncipe de nossa Igreja, Dom Helvecio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, a proclamasse, a par de pronunciamentos outros de nossa elite intelectual, para que acordássemos para o presente que a Natureza nos oferece.

E, a partir de então, o povo sulino compreendeu o valor do novo balneário, para ali convergindo suas vistas. Dia a dia cresce o interesse pelas magníficas praias, aloradas, rendilhadas de vegetação, na semelhança de um oasis, cheastelado da fúria dos ventos.

Não nos cabe, aqui, o elogio da sua beleza, aliás já feito, com maestria, por New-

ton Braga, Solimar de Oliveira, Herta de Ataíde, Jair de Freitas e tantos outros.

Cachoeiro já se pronunciou sobre Iriri com a posse de 73,4% dos lotes edificáveis.



A PRAIA DE IRIRI

E, também, no setor da construção, ali plantando hotéis e residências.

Mas, o novo balneário que se projeta no cenário do Brasil, tem particularidades desconhecidas, que focalizaremos, em duas palavras. Como disse o poeta Solimar de Oliveira, «suas águas, seu céu e seu chão, tem características singulares. Águas límpidas, céu amplo e belo, e um chão fertilíssimo, donde brotam linfas preciosas. Uma natureza farta, combinando, harmoniosamente, a vida campestre e marítima.

O Governo já compreendeu o valor dos nossos balneários. E acreditamos que, para os futuros orçamentos, sejam previstas verbas para amparar a iniciativa particular, que têm limites para as iniciativas.

Iriri, por sua posição geográfica, tornar-se-á, quando asfaltada a Koteca, um subúrbio de Cachoeiro, pois teremos reduzido o trecho que no-la separa para 45 minutos apenas.

E, por isso, não é exagero dizer-se que o Espírito Santo será o paraíso dos turistas no futuro.

6

Costumes e valores de um tempo antigo: Uma História de amor e coragem

Na década de 1930, ocorreu um fato que se assemelha às nossas novelas brasileiras. Vivia em Iriri uma família composta por vários filhos e era de costume que por aqui mesmo casassem. Mas algo fugiria da normalidade: sua filha caçula, Maria, conheceu, numa festa religiosa em Benevente, um rapaz de nome Manoel. Manoel era um homem simples, sem nenhum bem e amante da típica “branquinha brasileira”⁹. Maria, ao contrário, era herdeira de muitas posses.

Maria e Manoel apaixonaram-se, porém o pai de Maria não consentia o namoro entre os dois. Foram então criadas várias estratégias com o objetivo de separá-los, contudo acabavam se encontrando às escondidas, um ato que em plena década de 1930 era visto como imoral.

O amor levava Maria a sair às escondidas para se encontrar com o amado. Nas festas religiosas, era vigiada de perto pelos seus irmãos, que chegaram a ameaçar Manoel, alegando que ele não era homem para Maria. Mesmo com ameaças constantes, Manoel e Maria sempre arrumavam um jeito de se encontrar. As tentativas de impedimento do encontro foram várias, mas nenhuma delas foi maior do que o anseio do reencontro. Cada vez mais as dificuldades iam aumentando. Afirma Anatila Freire dos Santos que Maria sofreu muito, sendo presa em casa e vigiada todo tempo.

Maria e Manoel se amavam a tal ponto que, certo dia, os dois, devido às perseguições do pai e dos irmãos de Maria, tramaram fugir juntos, contando que um dia sua família mudasse a visão que tinha de Manoel.

O pai de Maria para impedir o encontro dos dois, passou a dormir, literalmente, na porta da casa. Numa dessas noites, devido ao calor, abriu a porta e ali se deitou junto a sua esposa como se fosse uma barreira entre Maria e Manoel. Maria então decidida arrumou uma pequena bolsa e, à noite, quando todos estavam dormindo, inclusive seu pai, passou por cima dele rumo à mata para ir embora com Manoel, que a esperava. Naquela noite a lagoa de Iriri estava cheia e se encontrava com o mar. Maria e Manoel não desistiram, pularam na lagoa e a atravessaram nadando. O casal dirigiu-se a pé para Itaperoroma, onde um amigo de Manoel, que tinha por nome José Mulinari, havia arranjado uma humilde casa para o casal.

⁹ *Aguardente, conhecida popularmente como cachaça.*

O sofrimento de Maria foi grande, ela arrumou um namorado que meu avô não queria [...]. Tanta coisa aconteceu, aí ela fugiu. (Sobrinha de Maria).

O pai de Maria ao descobrir o que havia acontecido, foi ao cartório de Benevente e deserdou sua filha caçula, pois para a família tal ato era vergonhoso perante a sociedade.

Manoel passou a trabalhar com José Mulinári como meeiro. Três meses após a fuga do casal, eles oficializaram a união no civil e um ano depois no religioso, devido a necessidade de batizar seu primeiro filho (o que só era realizado se os pais fossem casados no religioso). O casal gerou ali quatro filhos.

Dez anos depois, voltaram para as proximidades de Iriri, na esperança de haver alguma reaproximação com a família de Maria; porém foram desprezados. Apenas Quintina, irmã mais velha de Maria, sempre escondida da família, arrumava formas de receber e mandar notícias à irmã. Ali nasceu seu último filho. Não obtendo resultado de aproximação com a família, os dois se deslocaram para Piúma/ES, onde Manoel passou a atuar como Carapina (carpinteiro) e vendedor de peixe seco. Em Piúma, Maria passou a trabalhar como catadora de conchas e contribuiu na criação de quatro netos. Foram quase 70 anos de casamento, até que a morte os separou. Manoel faleceu em 27 de junho de 1994. Maria, muito desanimada em continuar a viver devido à morte do seu eterno amante, deixou de ir à praia em busca de conchas. Maria, deprimida, faleceu em 27 de Março de 1996, antes que completassem dois anos de falecimento de seu amor.

Maria não teve direito à herança. Nunca recebeu visitas de sua família, nem ao menos no leito de morte. Durante sua vida, contou apenas com sua irmã que, mesmo depois de casada, não deixava que seu pai e seus irmãos soubessem de suas visitas à irmã caçula. Seu pai e seus irmãos haviam determinado que não se falasse mais o nome da filha caçula para os netos. Esses por certo nem ficaram sabendo de sua existência¹⁰.

¹⁰ Quase no fim dessa pesquisa descobri que a senhora Maria era a Dona Maria Alpoim das Neves e Manoel, o Manoel Pereira das Neves, meus bisavós. A história é reveladora. Afinal, no seu desenrolar vai-se contando a História dos homens... a nossa própria História.

7

Primeiras atividades econômicas

É certo que as primeiras atividades econômicas desse balneário foram realizadas por índios tupiniquins, que viviam exclusivamente da caça, da pesca e de uma rudimentar agricultura.

Após essas atividades simples, desenvolveu-se nas proximidades de Iriri a agricultura escravista de cana-de-açúcar. Essa especulação só é possível devido a alguns fatores importantíssimos: conta o senhor Martins Gonçalves de Almeida, que seu padrinho, Leonardo, teria sido escravo nessas terras, e documentos da Casa de Culturas de Anchieta confirmam a existência de muitos escravos em toda a região. Como durante o regime de escravidão a economia do Espírito Santo se pautava na cana e os negros costumavam trabalhar na produção de açúcar, torna-se difícil apresentar outra conclusão que não seja a de que a cana-de-açúcar tenha sido o primeiro produto plantado nas proximidades de Iriri. Outro fator é que o primeiro dono de Inhaúma (hoje parte norte de Iriri), Pedro Pereira dos Santos, possuía na parte alta de Iriri um canavial, fabricando basicamente rapadura, açúcar e melado. Talvez influenciado pelas produções vizinhas e anteriores.

Na primeira década do século XX, a família dos Santos (Garcia, como eram conhecidos), passou a cultivar nos morros de Iriri o café e a cana-de-açúcar, e o arroz¹¹ na baixada.



Vista do brejo, onde hoje se encontra a quadra de esporte.

Fonte: CARVALHO, José Roberto Nadu de.

¹¹A existência de brejos corroboravam para o plantio de arroz.

Na década de 1920, em Iriri havia vários pescadores. Entre eles podemos citar: os irmãos Antônio e Eugênio Cardoso, Nilton Alpoim, Arlindo Alpoim, Manoel Freire Sobrinho, Belmiro Alpoim, Manoel Miranda, Altino Alpoim e Martins Gonçalves de Almeida.

A pesca ocorria em “batelões”, uma espécie de canoa feita de tronco de árvore escavado com uma enxó¹². A pesca ocorria próxima à praia, sendo comum a rede de espera, colocando-a no mar e a mirando¹³ no dia seguinte.

Relata o pescador Licinho, que o litoral de Iriri, na década de 1950, era repleto de peixes.

Era muito peixe pela beira da praia (...) Isso aqui era um setor de peixe que nunca vi na vida. Matava Pescada até com a foice. (Licinho Meneguete Francisco¹⁴).

Os pescadores saíam pela madrugada e voltavam de manhã. Terminada a pesca, puxavam o batelão até a areia seca. Longe das ondas, jogavam por cima dele palhas de coqueiro para escondê-lo do sol para preservação. Os batelões eram feitos com troncos de árvores, as quais eram escavados com enxó¹⁵.

Foram os pescadores os responsáveis pelo primeiro nome da atual praia do Costa Azul, que era chamada “Praia da Criminosa”.



Praia da Criminosa, hoje Costa Azul. Década de 1950.
Foto: BRUNINI, Guido.

¹² Instrumento cortante, de origem indígena, utilizado para escavar o tronco das árvores.

¹³ “Mirar” expressão regional que equivale a “olhar”, “conferir”.

¹⁴ Entrevista concedida em 2005, quando o entrevistado possuía 73 anos.

¹⁵ Ferramenta parecida com um machado, tendo uma lâmina curva, própria para trabalhar em madeira.

Com relação ao nome “Praia da Criminosa”, são conhecidas duas versões: a primeira é que nas pedras dessa praia (parte sul) morreram algumas pessoas que ali se dirigiram para arrancar mariscos; a segunda versão é que devido ao fato de que nessa pedra se “matava” muito Sargo¹⁶. Por um desses motivos, ou talvez pelos dois, a pedra foi chamada de criminosa e como a praia ainda não possuía um nome, passaram a chamá-la de “Praia da Criminosa”.

O extrativismo esteve presente no início do século passado através da firma fundada por José Antônio Duarte e José Gonçalves Beiriz. Esses portugueses eram donos de um armazém em Piúma chamado Duarte & Beiriz (onde fica hoje o Hospital desse município). Juntamente com seus empregados, se dirigiam para Iriri com um comboio de burros. Chegando à parte norte da Praia da Lagoa (assim também era chamada a Praia da Areia Preta), enchiam dezenas de sacos com areia monazítica e os transportavam sobre os burros até o armazém. Ali se fazia uma balsa de Pita¹⁷ amarrada com cipós. Sobre a balsa colocavam-se os sacos de areia monazítica que seriam levados até um navio estrangeiro que ficava à espera, longe da praia.

A firma Duarte & Beiriz foi durante muito tempo, juntamente com a firma BUAIZ, a responsável do transporte do café produzido em Iriri e áreas vizinhas.



Firma Duarte & Beiriz, primeira metade do século XX.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Piúma.

Naquela época, a areia transformou Iriri em região exportadora. Hoje a mesma areia faz de Iriri uma importadora de turistas.

¹⁶ Espécie de peixe comum na região.

¹⁷ Vegetação comum nas pedras litorâneas.



Firma Duarte & Beiriz, primeira metade do século XX.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Piúma.

A primeira mercearia instalada em Iriri foi de um morador de Iconha, chamado Belo Cardoso. Nessa época, muitos produtos vinham de Iconha pelo rio até Piúma, de onde eram colocados sobre burros que se dirigiam a Iriri, anunciando a chegada com os sinos que carregavam nos pescoços. No final da década de 1940, Antônio Basílio abriu em Iriri um ‘Caldo de Cana’ que funcionava onde hoje se encontra a Padaria “Mundo dos Pães”. Durante um bom tempo, esse estabelecimento funcionou sob o comando de Dona Elpídia, famosa por suas cocadas, pamonhas e quitutes.

Nas décadas de 1930 e 1940, havia uma fábrica de blocos próximo à Lagoa de Iriri. Essa fábrica pertencia ao iconhense Quintino Gomes.

Fim do Isolamento econômico e social

O Espírito Santo por ter ficado isolado de dois ciclos econômicos do país (Ciclo da Cana-de-açúcar e o Ciclo do ouro), teve seu desenvolvimento atrasado. As características naturais do Estado foram determinantes sobre sua economia. A cana-de-açúcar não teve êxito como no Nordeste e aproveitando sua topografia e vegetação, a Capitania do Espírito Santo passou a ser uma “Região Tampão”, servindo como barreira na rota do ouro, a fim de evitar que fosse contrabandeado. O ouro encontrado no território capixaba acabou, antes de ir para Portugal, levado para o Rio de Janeiro. Em 1709 a capitania perdeu espaço territorial com a criação, da Capitania das Minas do Ouro, hoje Minas Gerais. “Estávamos de frente para o mar e de costas voltadas para a riqueza que surgia das entranhas do Sertão” (MORAES, 1997).

Houve a pretensão de tirar nossa região do isolamento ligando, no século XIX, Minas Gerais ao Vale do Orobó¹⁸ através de uma ferrovia, porém o intento não se concretizou.

Apenas décadas depois, um sinal de ligação entre Iriri e o restante do mundo apareceu. Os poucos moradores de Iriri e de Inhaúma, com muito esforço e muitas enxadas, construíram uma rua ligando Iriri a Anchieta.

Antes da existência da primeira ponte de Anchieta, que era de madeira, as pessoas utilizavam os serviços do vulgarmente conhecido ‘Juca da Passagem’ e de ‘Chico Duardo’, que trabalhavam como atravessadores de pessoas e pequenas cargas. Além de suas balsas, existiam pequenas embarcações pertencentes a outras pessoas. A passagem pelo rio nos tempos de calmaria era até agradável, já com o mar agitado se tornava perigosa.

Como as principais festas religiosas ocorriam, até a década de 1950, em Anchieta, a inexistência de uma ponte era lastimável.

Dois grandes marcos para o desenvolvimento de Iriri foram: i) à construção da ponte de Anchieta, que recebeu o nome de “Ponte Raymundo Pereira de Barros” em homenagem ao então prefeito da Cidade e; ii) a inauguração de uma linha de ônibus ligando Guarapari a Cachoeiro de Itapemirim, ocorridas em 13 de novembro de 1952.

Os dois acontecimentos foram marcados com muita festividade, pois a acessibilidade à sede e a outros municípios se tornaria mais fácil. Obviamente, houveram aqueles que foram contrários a construção da ponte sobre o rio Benevente, pois esta acabaria com tráfego de travessia de barcos e balsas de uma margem a outra, o que realmente ocorreu.

¹⁸ Atualmente parte sudoeste do município de Piúma.



Ponte Raymundo Pereira de Barros, que ligava Iriri à sede do município.

Fonte: *Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Piúma.*

Em 1956 e em 1957 a luz elétrica e a linha telefônica, respectivamente, chegavam ao balneário, trazendo como consequência o aumento de habitações residenciais e o surgimento de dois Hotéis, o Costa Azul e o Hotel Maringá. (SERRÃO, 1972).

Antes da existência da ponte, Iriri estava quase que completamente isolado do restante do mundo. Na BR-101, só existia uma estrada de chão que ligava Iconha à Piúma. Para Iriri só existiam os “caminhos de burro”, que eram utilizados por aqueles que vinham aqui caçar.

A primeira estrada para carros ligando Iriri a Anchieta (embora ainda sem a ponte), foi feita com muito suor, calos nas mãos e enxadas, pois, a estrada foi construída por aqueles que iam comprando os terrenos. Quem deu início a essa façanha, foi a família Pereira dos Santos, os senhores Juca da Mata, Jacinto Freire, Ozônio Mazé entre outros. “Cada setor que morava uma pessoa, fazia um pedaço”, afirmou Licinho Menequele Francisco.



Estrada que liga Inhaúma à Iriri em 1953.

Foto: BRUNINI, Guido.

Inaugurada pela viação Itapemirim, S.A em 24 de Janeiro de 1952, a primeira linha de ônibus: Cachoeiro – Guarapari, passou a cortar Iriri. A principio, existia um único horário de ônibus, que saía de Guarapari pela manhã e retornava de Cachoeiro ao final da tarde. Esse horário se restringia aos dias de semana e aos sábados.

O ônibus era chamado pelos moradores de iriri de “Altos”, isso devido o tamanho desse meio de transporte que muito chamava a atenção dos moradores.

À medida que vários turistas visitavam a região, essas linhas foram se ampliando. Quando chovia, a rota era cancelada, isso devido à estrada não ser ainda pavimentada. Essa situação ocorreu até o final da década de 1960.

O primeiro carro a pertencer a um morador de Iriri foi um modelo “Marta Rocha” da Chevrolet, de 1949. O proprietário era Otávio Pereira dos Santos. O veículo foi adquirido no ano de 1959, sendo utilizado pela família no serviço agrário.

A entrada sul de Iriri, depois que a primeira ponte tornou-se inativa, era localizada onde é hoje a casa de “Tio Domiro”. É possível, ainda hoje, ver essa estrada, agora inativa, e a pequena e antiga ponte (segunda ponte de Iriri) construída para dar passagem sobre o Rio Iriri.



Entrada sul de Iriri na década de 1950.

Foto: BRUNINI, Guido.

Com a construção da Rodovia do Sol, os ônibus deixaram de percorrer a antiga estrada que passa por Inhaúma, indo até o final de Iriri, lá fazendo o retorno e passando pela Rua Padre José de Anchieta até retornar à Rodovia do Sol. Esse contorno só ocorreu até meados da década de 1990.

Hoje os moradores do sul do balneário deslocam-se até o Centro para utilizar os serviços das empresas de ônibus, pois na parte sul são raríssimos os horários de ônibus. Os moradores de Inhaúma e da “Praia dos Namorados”, mais ao sul, próximas à estrada velha, sofrem com a falta de transporte coletivo, podendo contar com pouquíssimos horários de ônibus

O Processo de Loteamento

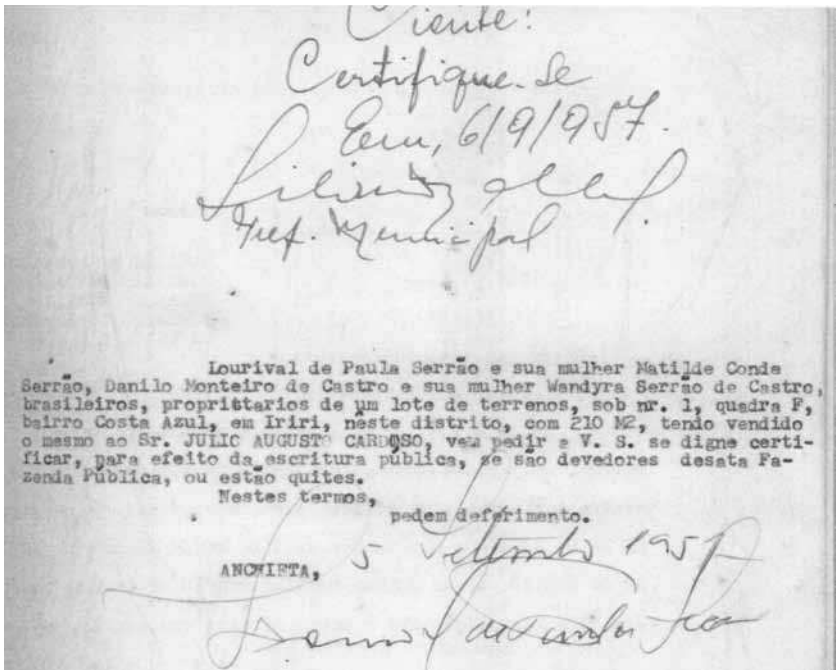
Após o falecimento de Pedro Pereira dos Santos aos 100 anos de idade, suas terras foram divididas entre seus filhos.

Otávio Pereira dos Santos acabou comprando a parte de alguns de seus irmãos. Aldomiro preservou sua parte da herança, mas ao falecer, sua esposa Anatila Freire dos Santos dividiu as terras entre os quatros filhos: Alcino, Felicino, Valdino e Maria.

Jorge Pereira dos Santos, logo após a morte do seu pai, vendeu grande parte de suas terras. Nessa época, os lotes ao norte do córrego passaram a ser reconhecidos como Iriri, pois os compradores dos terrenos registraram os lotes como sendo localizados em Iriri.

É verdade que existem terrenos em Iriri que estão registrados como Inhaúma, como é o caso do terreno do senhor Otávio Pereira dos Santos, hoje pertencente a família.

Foi em 28 de Fevereiro de 1947 que ocorreu o primeiro registro de loteamento de Iriri na Prefeitura Municipal de Anchieta. Registro efetuado pelo sr. Manoel de Paula Serrão, conhecido



Ofício de 1957 referente a nada-consta para elaboração de escritura.

Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

como Duca Serrão, que comprou de Jorge Pereira dos Santos, inaugurando oficialmente a existência do primeiro lote na praia, hoje chamada de “Costa Azul”.

Manoel de Paula Serrão foi um dos homens que, em seu tempo, acreditou que Iriri estava às portas do progresso. “Profetizou” o que nossos olhos contemplam hoje. Era sem dúvida um homem de negócio. A década de 1950 foi um período de significativo movimento imobiliário.

Veranista iconhense, embora com seus interesses, mas apaixonado por Iriri, Duca Serrão acabou comprando terras de Alberto Alpoim e de Jorge Pereira dos Santos e, posteriormente, loteou o terreno vendendo-o a diversas pessoas que visitavam Iriri. Esses lotes foram de grande importância para a junção de Iriri e Inhaúma, ocasionando a fusão dos dois balneários, ampliando assim as terras denominadas Iriri.

Mário Pires ao vir para Iriri construiu o primeiro hotel que recebeu o nome de “Ilmenita”, em homenagem à praia Ilmenita, conhecida hoje como praia da Areia Preta. Ele buscou promover Iriri de várias formas e além de atrair hóspedes, ajudou Duca Serrão na venda dos terrenos.

A casa de Pedro Bissa, na rua que hoje leva seu nome, de nº. 90 foi a terceira casa existente na parte mais alta de Iriri, sendo a segunda do Sr. Donato Fortunato e a primeira, a residência do senhor Alberto Vieira Machado a qual se localizava na atual Rua das Camélias. A casa de Pedro Bissa foi construída em um pequeno lote desmembrado da propriedade rural de Alberto Vieira Machado.

Por meio de um ofício encaminhado à prefeitura municipal de Anchieta, em 1957, por Pedro Bissa, temos indicativos das condições do processo de povoamento do balneário de Iriri. Pedro Bissa, por meio de solicitação de isenção de taxa sobre propriedades urbanas afirmou que residia na parte alta de Iriri que ainda não possuía loteamento até aquela data, nem acesso a água encanada.

Ex.^{ma} Sr. Prefeito do Município de Anchieta

Pedro Bissa abaixo assinado, brasileiro, casado, lavrador, residente em Iriri deste Município, tendo recebido a circular n.º 23 dessa Prefeitura assinada por V. S., e ficando ciente do seu conteúdo e de acordo com as suas instruções, venho respectivamente pedir a V. S. tomar na devida consideração a exposição que ora faço das condições da minha casa, sobre a qual foi por essa Prefeitura lançado e imposto predial pelo "Aviso de lançamento" sob n.º 1411 que junto a este em anexo. A casa é construída em pavimento de tijolo entre quatro estios de madeira e assentada sobre baldrameis também de madeira, medindo 4,00 x 2,00, construída em local acidentado não havendo possibilidade de obter água nas suas proximidades; A sua localização acha-se fora de perímetro urbano do Bairro Iriri, por quanto nenhum loteamento existe naquelas imediações até a presente data; sendo que a aquisição da pequena área onde se acha a casa foi desmembrada dos terrenos rurais de propriedade de Sr. Alberto Vieira Machado. Pelo que vem de expor, espera que V. S. com o esclarecido espírito de justiça resolverá a sua situação considerando-a isenta das contribuições.

Nestes termos
Espera, deferentemente

Iriri, 23 de Abril de 1957
Pedro Bissa

Ofício de Pedro Bissa solicitando isenção de cobrança de taxa de ocupação urbana. 1957.

Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

Segundo o mesmo ofício ele residia¹⁹ em uma casa de 4m por 5 metro, “construída em alvenaria de tijolos entre quatro esteiras de madeiras e assentadas sobre baldrames, também de madeira”.

De acordo com Sônia Maria Bissa Alpoim, o senhor Egidio Layber teria sido o primeiro a construir uma residência sobre o aterro, onde é hoje o Bar do senhor “Manoel português”.



Vista do “Centro” de Iriri em 1953.

Foto: BRUNINI, Guido.

O primeiro pedreiro a trabalhar em Iriri foi o senhor Miguel “de Rio Novo”, que teve como ajudante o pescador Altino Machado Alpoim, que logo aprendeu a profissão e acabou se tornando o primeiro pedreiro residente no balneário. Ele construiu algumas casas para si e alugando-as como fonte de renda para a família, bem como abriu uma mercearia para atender a população que estava crescendo.

O Senhor Altino Alpoim deixou a pesca para se tornar construtor e construir aproximadamente 150 casas para abrigar os que ali iriam residir ou veranear.

¹⁹ Não se sabe se era a única casa que ele possuía.



“Centro” de Iriri em alta Temporada. Década de 1950

Foto: BRUNINI, Guido.

Antes do surgimento desses pedreiros, as casas eram de estuque. Aos donos ficava a incumbência de montar a armação da casa que era de bambus e madeiras, e aos vizinhos de se reunirem, normalmente aos sábados para, em mutirão, “embarrar” a casa.

Os anos cinquenta ocorreram várias compras de terrenos no balneário. Constam na Casa de Cultura de Anchieta documentos que comprovam esse fato.

Em 25 de Março de 1957, por exemplo, o Sr. Fernando Moscon adquiriu do senhor Arthur Forantine um terreno (Protocolo Nº 71-1977). Em 19 de Março de 1957, Mario Pires Martins vendeu para Francisco Carneiro da Silva e Nezi Magalhães dois lotes de 240 m² e 214,50 m².

O atual trevo sul de Iriri foi comprado por Boaventura Guimarães, responsável pelo loteamento e povoamento da área, conhecido atualmente com bairro da Lagoa.

Otávio Pereira dos Santos vendeu as terras da praia de Santa Helena para Mário Pires, que vendeu para Sérgio Meneses que, ao falecer, teve sua propriedade loteada pelos filhos, desencadeando um processo de povoamento.

A urbanização do balneário se deu por meio dos loteamentos dos terrenos que passaram a pertencer a diversos turistas como, por exemplo, Fortunato Campos Paiva, Boaventura Guimarães, João Brahim Depes, Comendador Braga, Elpidio Barbosa, Fausto Santana, Mario Pires, Egidio Pensine, Gilberto Alves Domingues, Elcio Cordeiro, Eli Junqueira, Jorge Chein, Uriel e outros.

Muitos desses lutaram e contribuíram para o desenvolvimento do balneário que se transformou no Iriri que conhecemos hoje.

Os primeiros interessados em adquirir um lote no balneário, entre as décadas de 1940 e 1960, escolheram as partes planas, isso devido ao maior conforto, maiores facilidades para a construção das residências e acesso a água.

No início da década de 1950, o balneário já contava com um número significativo de casas, principalmente de veraneio. Eram muitos os que já haviam se apaixonado por essas terras. Aqui moravam, entre outros, os senhores Antônio Basílio, Mario Pires, Negrão de Lima, Gilberto Domingues, Hilton Bissa, Manoel Freire, Belmiro Alpoim e tantos outros.

O balneário de Iriri apresentou um crescimento populacional tão significativo, que em 11 de março de 1953, na administração do Senhor Prefeito Jairo da Rocha Pimentel passou a ser reconhecido legalmente pelo poder municipal como zona suburbana.

O Prefeito Municipal de Anchieta: - Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei; - Art.1º. Fica considerado zona suburbana do município o lugar denominado "IRIRI", situado na parte SUL deste município, onde dista seis (6) quilômetros desta cidade. - Art2º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação. Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Anchieta, 11 de Março de 1953.

(a) Jairo de Rocha Pimentel, prefeito municipal.

A procura dos turistas por lotes planos fez com que o valor imobiliário aumentasse significativamente. Isso, somado ao alto valor do IPTU, levou muitas pessoas de pouco poder aquisitivo a comprar os lotes periféricos e não planos, deixando, inicialmente, os demais lotes para os turistas com melhor situação financeira. A limitação territorial e a procura por imóveis têm elevado, hoje, o seu preço até nas partes acidentadas do balneário.

10

Arborização da Praia do Costa Azul

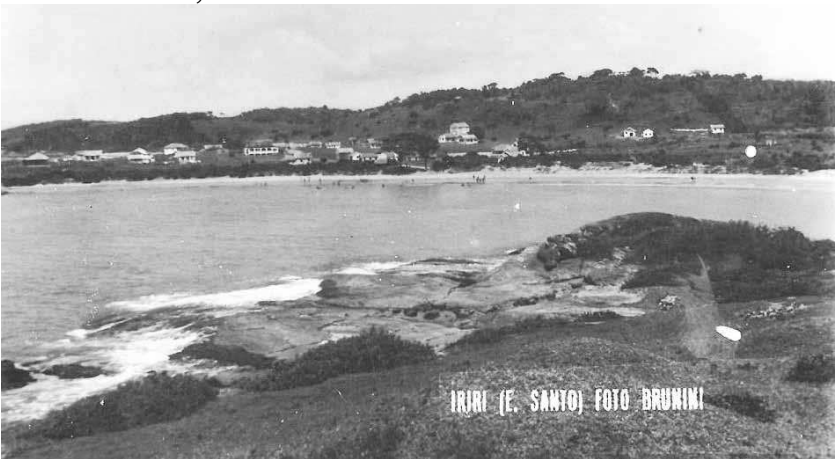
A praia, hoje chamada Costa Azul, apresentava-se como uma área de restinga, possuindo apenas uma figueira centenária.

Foi o senhor Fausto Bissolati Santana, veranista e cidadão de Nova Friburgo (RJ), que deixou uma herança muito valiosa para o turismo de Iriri. Esse senhor foi o responsável pela existência das castanheiras que hoje embelezam a praia do Costa Azul, que antes da construção do hotel era conhecida como Praia das Castanheiras devido à existência dessas ao longo da orla.



“Centro de Iriri no final da década de 1940. É possível ver a castanheira.

Foto: BRUNINI, Guido.



“Praia do Costa Azul. Década de 1950.

Foto: BRUNINI, Guido.

De acordo com Serrão, Fausto Santana vendeu sua casa em 17 de janeiro de 63 para Gilberto Domingues, se desligando definitivamente de Iriri.

A casa do senhor Santana deu lugar ao edifício que recebeu o nome da senhora Ercília Domingues.

Outros que plantaram mudas de árvores nas terras de Iriri foram Duca Serrão e Germana Bahia. No lugar da restinga o passou a ficar repleto de árvores e sombras que ficavam cheias de Pardais (pássaros). As árvores, especialmente, àqueles que haviam na avenida principal foram retiradas para dar lugar a um projeto de reurbanização do balneário.

As castanheiras que sombreavam as praias e ruas foram durante anos partes da história e marca registrada do Balneário.



Iriri. Década de 1950.

Foto: BRUNINI, Guido.

O desabrochar do progresso

Iriri é um balneário que começou a contemplar a progresso só a partir da segunda metade do século XX. Esse fato tornou-se possível graças ao desenvolvimento do turismo e de personalidades, que acreditaram na região, sendo a maioria delas veranistas que buscavam um lugar sossegado.

Antes da década de 1950, o balneário não possuía infraestrutura. A água era extraída de poços. Nesse período havia apenas uma “bomba d’água” manual localizada onde é a escadaria da Igreja Católica. A Luz era possível através de lamparinas. As roupas eram lavadas em uma nascente, localizada no morro em frente a atual quadra esportiva.

Iriri foi projetado para ser um balneário. Suas ruas largas e os lotes bem localizados é uma prova disso. Porém, o processo de povoação acabou saindo fora do planejado. A parte mais alta de Iriri não passou por um planejamento urbanístico, o que acabou prejudicando a organização de suas ruas e lotes.

O lixo produzido em Iriri, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, era jogado em Inhaúma, próximo a Praia Santa Helena. Isso ocorria a céu aberto, sem nenhuma preocupação sanitária.

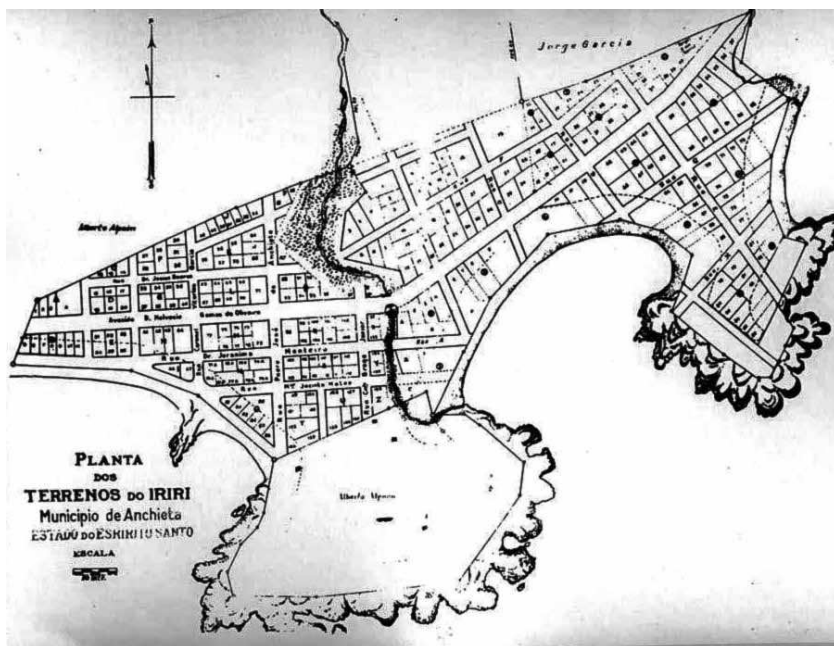
Hoje, Iriri conta com uma boa infraestrutura, possuindo vários hotéis, pousadas, padarias, restaurantes, Posto de Saúde, escola de Ensino Fundamental, Centro de Educação infantil, bares, farmácia, sorveteria, praça de artesanato, lanchonetes, banca de revistas, entre outras coisas; mas tudo isso só tornou-se realidade porque aqui viveram e ainda vivem pessoas que amam essa terra.

Várias personalidades foram importantes para o desenvolvimento do balneário, como dona Alzira Bissa, que vendia comida para os trabalhadores e veranistas, sendo a primeira pensão do balneário, ainda no início da década de 1950. Alzira Bissa vendia também salgados em uma barraca na praia do Costa Azul.

Hilton Bissa Foi dono de uma mercearia localizada no centro de Iriri. Essa mercearia, de duas portas, vendia muitas coisas, desde bebidas à utilidades domésticas.

Belmiro Alpoim, na década de 1940, era dono de um bar que se localizava na canto sul da Praia Costa Azul.

Podemos citar Ary Rodrigues, o primeiro a construir um hotel (Costa Azul) e Valério e Cléria os segundos (hotel Maringá). Posteriormente foram construídos os hotéis Ilmenita e Morubixaba. Os donos desses hotéis apostaram em um balneário desconhecido para hoje receberem turistas do mundo inteiro.



Mapeamento dos lotes de Iriri na década de 1970.

Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

A Escola em Iriri

No início do século XX, a escola de alfabetização mais próxima localizava-se em Subáia, a leste da atual escola desse mesmo bairro.

De acordo com Manoel Marvila Bissa, as crianças iam à escola a pé, brincando pelo caminho sem a companhia de adultos.

Nessa época a escola era de madeira, tendo apenas uma única sala, onde funcionava como sala multisseriada. Entre várias professoras, ali lecionou a senhora Dona Clementina, a qual tinha uma filha na escola que encantava as outras crianças por sua beleza.

Professora Clementina era bem rígida, castigava os alunos com uma régua de madeira.

Ela me pegou eu, me botou de castigo. Pegou a minha mão... Uma régua da grossura de um dedo assim, deste tamanho assim. Ia na minha mão (...) Eu apanhava muito. Apanhava mesmo (sic) (Manoel Marvila Bissa ²⁰).

A primeira escola de Iriri localizava-se ao norte das terras de Alberto Alpoim, sendo o terreno para a construção dessa escola

²⁰ Entrevista realizada em 2004, quando o entrevistado tinha 74 anos de idade.

doado por Manoel de Paula Serrão, conhecido como Duca Serrão.

Na primeira escola de Iriri lecionaram as senhoras: Dona Mulata, Josefina Ramos, Lezy da Almeida, Genelice e Conceição Gomes, essa ultima filha adotiva de Dom Helvécio.

Posteriormente a pequena escola foi transferida para os fundos da Igreja Católica que estava sendo inaugurada. O terreno foi cedido por Altino Alpoim.

Nas quatro primeiras décadas de século XX, a Educação em Iriri só era possível graças a professoras que se deslocavam de outros municípios mais desenvolvidos ou da sede, muitas vezes tendo como meio de condução, animais de carga.

Após a construção da igreja católica a escola foi transferida para os fundos da mesma, sendo as aulas ministradas ali até a 1959.

A princípio a escola só funcionava em um turno, no matutino, tendo como primeira professora a senhora Conceição. Essa lecionava para alunos de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries. Tudo em uma única sala de aula.

Mais tarde com a chegada das professoras Carina e Arlete a escola passou a funcionar em dois turnos (matutino e vespertino), passando a contar com duas salas de aula. Uma atendendo alunos de 1^a e 2^a séries e a outra aos alunos de 3^a e 4^a série do Ensino Fundamental.

Confirma Cecília Doelinger, ex-professora dessa escola, que a mesma possuía apenas duas salas de aula. O problema maior era que cada uma só acomodava trinta alunos.

Nessa época, o uniforme tinha como cores, o vermelho (a bermuda ou a saia) e o branco (a blusa), lembrou a professora Doelinger.

De acordo com Gilto Domingues e Anátia Freire dos Santos, nas décadas de 1950 e 1960 a escola contava com algumas professoras que deixaram nos alunos saudades, isso devido à dedicação e esforço. Destacamos as professoras Arlete, Adalgisa, Aides Gomes, Cecília Doelinger da Fraga, Karina e Tereza que moravam em Alfredo Chaves, Odila, Maria José de Piúma e a professora Conceta que residia em Anchieta.

A professora Cecília Doelinger da Fraga lecionou nessa escola no ano de 1960, juntamente com Tereza que residia em Cachoeiro de Itapemirim.

A professora Cecília, por morar em Anchieta se deslocava para casa todos os dias, através do único ônibus com linha entre Guarapari e Cachoeiro de Itapemirim (pela manhã) e Cachoeiro e Guarapari (pela tarde). Já a professora Tereza se instalava na casa dos Domingues durante a semana, indo embora apenas nos fins de semana. Ambas as professoras almoçavam na casa dos Domingues.

De acordo com Cecília Doelinger, a escola era bem precária, não possuindo banheiro, água e iluminação. Quando algum aluno precisava ir ao banheiro ou beber água, deveria se dirigir à casa da família Domingues.

Era nessa época, a família Domingues um grande apoio para a pequena escola, pois em sua casa as duas professoras (as quais realizavam todas as funções dentro da escola) podiam fazer a merenda dos 60 alunos. Outras casas de moradores abrigavam professores, como a da senhora Norberta Garcia Freire. Nesse período, alguns docentes hospedavam-se na casa de alunos e até ajudavam nas tarefas domésticas ou agrícolas. Nessa rudimentar escola, os filhos das famílias Alpoim, Santos, Domingues, Freire, entre outras, tiveram a oportunidade de aprender a ler, a escrever, a fazer contas e a enfrentar a vida.

O sr. Manoel de Paula Serrão prestou grande contribuição para o desenvolvimento do balneário doando à prefeitura um terreno para a construção de uma escola, a qual só foi construída em 1959, na administração do prefeito Raymundo Barros e que por reconhecimento, colocou nome de escola Escola Municipal “Manoel de Paula Serrão”. Com o ato de criação de 20/02/95 da Portaria Estadual nº 3112 a Escola passou a ser Escola de 1º grau “Manoel de Paula Serrão”, aumentando seu número de salas, professores, funcionários, atendendo alunos de 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Houve a ampliação do prédio, a construção do 2º andar e a desapropriação de um lote em frente a mesma, onde foi construída posteriormente a quadra coberta poliesportiva.

Em 1994 houve a primeira eleição para o cargo de diretor escolar, sendo eleita a professora Rita de Cássia Mezdri, reeleita em 2004 ficando no cargo até o segundo semestre de 2006.

No dia um (01) de fevereiro, de 1998, houve a municipalização e a Escola, que era estadual, passou a intitular-se EMPG “Manoel de Paula Serrão” e a integrar o quadro de escolas supervisionadas pela Secretaria de Educação Municipal. Em 2000, passou a funcionar na Escola o turno noturno com ensino regular de 5ª a 8ª série. Em 2004, o turno noturno passou a funcionar como curso noturno semestral.

Há na Escola a Biblioteca “Manoel de Paula Serrão”. Em 2005, começaram a ser ministradas aulas de música (teclado, violão, fanfarras e formação de coral) e a fanfarras da Escola foi criada, para a alegria de saudosistas e deleite de jovens iniciantes na música.

Existe além dessa escola fundamental, uma Pré-Escola, chamada inicialmente de Pré-Escola Tom & Jerry. Atualmente recebe o nome de Centro de Educação Infantil “Tom & Jerry” Essa

é reconhecida até por pessoas de outros municípios, como uma Pré-Escola de qualidade. Em tempos passados funcionou no prédio do Iriri Praia Club até que ganhou sede própria, próxima à quadra de esportes.

O Correio

Em 05 de Fevereiro de 1954, ocorreu o primeiro pedido de implantação de uma agência de correio em Iriri. Esse pedido foi feito pelo então Diretor Regional dos Correios e Telégrafos do Estado do Espírito Santo, Sr. Arnóbio de Araújo Lyrio. O pedido foi realizado através de um ofício encaminhado ao Senhor Diretor Geral do Departamento dos Correios e Telégrafos. (SERRÃO;1972)

Ofício nº 194. Vitória, 05 de fevereiro de 1954. Desejando esse gabinete movimentar processo de uma criação de uma Agência de Correio, na localidade de IRIRI, município de Anchieta, encareço, por fineza vossos bons ofícios no sentido de serem respondidos, com elementos exatos, ou mesmo aproximados em se tratando das rendas Federal, estadual e municipal, os quesitos da folha informativa anexa, uma vez que terá de instruir a respectiva proposta a ser feito ao Sr Diretor Geral do Departamento Geral dos Correios e Telégrafos, no Rio de Janeiro. – Aproveitando o ensejo, para agradecer vossa prestimosa colaboração e apresentar meus protestos de estima e apreço. Arnóbio de Araújo Lyrio, Diretor Regional.

Segundo Serrão, em ofício nº 574, foi reconhecido à implantação da Agência de Correio de Iriri. Para ser nomeado ao cargo, era necessário ter residência fixa em Iriri, idade entre 18 e 35 anos e instrução primária completa.

O correio foi instalado no hotel Ilmenita, tendo como responsável uma jovem por nome de Silomita Saldino, moradora de Anchieta, não respeitando a exigência residencial. Posteriormente, teria passado para a responsabilidade de Ely Junqueira. A terceira pessoa a se responsabilizar pelo correio foi o Senhor Lizarb. Esse sofria com deboches dos amigos e colegas, os quais o chamavam de “Brazil” pois, esse é seu nome de trás para frente.

A Agência passou a funcionar de forma mais organizada quando o senhor Argentino Franzotti se aposentar e vir morar em Iriri, assumindo o Correio, o qual foi instalado em sua residência. Com o apoio do senhor Waldemar Tropoli, Diretor Geral do Departamento Geral dos Correios, Argentino Franzotti conseguiu instalar um aparelho telegráfico em Iriri.

No início da década de 1970, a Agência ainda apresentava grandes dificuldades de funcionamento, tendo por muitas vezes seu funcionamento limitado ao período de verão. (SERRÃO,

1972). Durante parte da década de 1980, décadas de 1990 e início da década de 2000, o Correio esteve na responsabilidade do Senhor Valcenir Ramos Alpoim, tendo funcionado na rua da Escola. Só no início do século XXI, o correio recebeu uma maior atenção por parte da Prefeitura, a qual construiu um pequeno espaço para o seu funcionamento e passou a efetuar o pagamento de uma funcionária, pois antes era realizado, segundo a filha de Valcenir, praticamente como serviço voluntário, uma vez que o pagamento não saía. O Correio ainda hoje, em novo local, possui grandes dificuldades na efetuação de seu papel, isso ocorre devido à falta de numerações nas residências, sendo necessário que o morador esteja sempre buscando suas correspondências no posto dos Correios que é mantido pela prefeitura.

Água encanada

Como na década de 1950 Iriri não possuía água encanada, as casas possuíam poços particulares. Havia também um poço que se localizava onde é hoje a rua Rio novo do Sul.

Como o ato de carregar água é uma tarefa árdua, aqueles que possuíam condições econômicas favoráveis, utilizavam os serviços do Senhor “João da água”, que prestava esse serviço em Iriri.

Açougue

De acordo com Marta Freire, nos primeiros tempos de Iriri, quando ainda não havia açougue, o Sr. Manoel Freire Sobrinho, Criava gado na praia Santa Helena e vendia a carne em sua residência ou levava em domicílio junto com sua filha Maria Magdalena.

O primeiro açougue a se instalar em Iriri foi o do Senhor José Apolônio (década de 1960). Na década de 1980, “Pretinho” abriu uma casa de Carne, sendo essa o segundo açougue do balneário.

A iluminação

Até o dia 26 de outubro de 1956, Iriri já com seu brilho natural, não havia ainda, contemplado a luz do progresso. Nesse dia, o balneário vivenciou a instalação da luz elétrica. O fato foi registrado pelo jornal Correio do Sul:

Sexta-feira último, dia 26 deste, às 17 horas e 30 minutos, Iriri iluminou-se freneticamente, quando os encarregados pelas instalações ligaram a chave geral (Correio do Sul, 30/10/1956).

Para a instalação do gerador de energia, veio de Vitória um eletricitista. Embora se tenha instalado a luz elétrica, essa só foi inaugurada oficialmente em 24 de Novembro do mesmo ano,

contando com a presença do Senhor Governador Francisco Lacerda de Aguiar, notando-se a estranha ausência do Senhor Prefeito da época. A chave geral foi ligada às 18 horas e 20 Minutos.

Esse gerador, que se localizava onde é hoje a casa do Senhor “Jamil”, não foi o que se esperava. Vivia com defeito, e o seu funcionamento só ocorria até às 21 horas, sendo substituído, em 1957, por outro melhor, que veio de Muqui, que já havia se beneficiado da instalação de uma hidrelétrica em Mimoso do Sul.

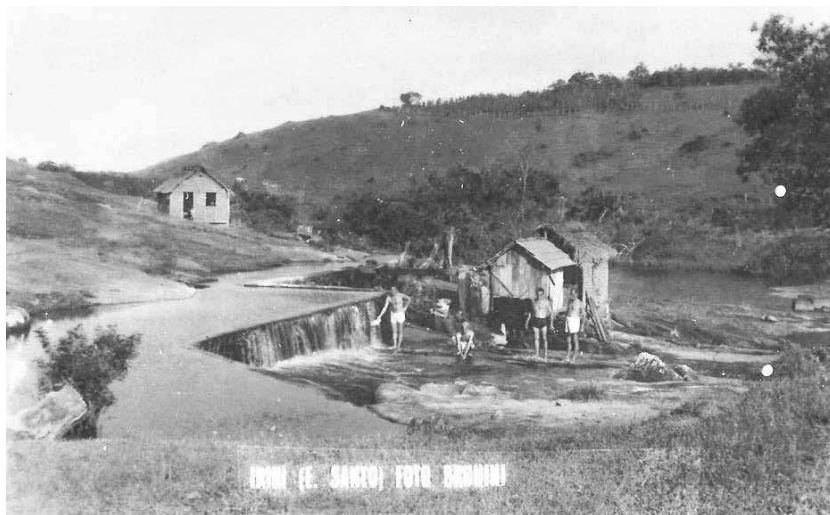
O gerador deixou de ser utilizado no ano de 1962 ou 1963, quando Iriri passou a ser atendido pela Escelsa. Em 1967 foram trocados os postes de madeira por postes de cimento. Foi no ano de 1971 que a Escelsa começou a prestar um serviço de melhor qualidade (SERRÃO, 1972).

O Telefone

Foi, em 1956, no banquete servido ao governador, no hotel Costa Azul, que se falou pela primeira vez na possibilidade de se instalar uma cabine telefônica em Iriri. Graças a essa conversa e ao esforço do secretário Rubens Rangel, Iriri adquiriu o posto telefônico, cerca de um ano depois, em 14 de novembro de 1957. O posto foi instalado em uma das dependências do hotel Costa Azul. Na década de 1970, o posto telefônico se encontrava na residência do Senhor Manoel Freire, tendo como responsável pelo serviço sua esposa a Senhora Norberta Garcia Freire que faleceu em 1979, sendo substituída por seu filho Humberto Freire Sobrinho até o fechamento do posto.

A Água Tratada em Iriri

O Rio Iriri, foi usado durante as décadas de 1940 a 1950 como local de captação de água. Foi feito uma represa de onde os carros Pipas se abasteciam. O sistema não era viável devido ao trabalho e ao alto custo, uma vez que as estradas existentes na época eram de péssimo estado. O sistema foi abandonado e poços foram sendo feitos.



Represa de captação de água da lagoas de Iriri. Década de 1950.

Foto: BRUNINI, Guido.

Até o ano de 1975, Iriri contava apenas com poços artesianos. Desses poços bombeavam-se manualmente a água para todas as finalidades domésticas.

Na década de 1970, foram realizadas pela Cesan duas tentativas de extrair água de poços para abastecer Iriri, mas a qualidade da água não foi aprovada e a quantidade não foi o suficiente.

Foi em uma manhã do dia 25 de janeiro de 1975 que a Cesan inaugurou em Iriri o Sistema de Tratamento de água com capacidade de 880 mil litros. Na ocasião esteve presente o Governador do Estado Elcio Alves. A obra foi de grande importância para a região. A água vinda de Baixo Pongal percorria aproximadamente 11 km até chegar ao reservatório de Iriri, onde por meio da gravidade abastecia Piúma e com auxílio de bomba a sede de Anchieta.

Apenas em 1984, Piúma passou a ter sua própria estação de tratamento o que beneficiou Iriri, deixando de passar por falta de água nas altas temporadas.

O Sistema de Saúde

Como Iriri antes da década de 1950 estava isolado da sede do município, o parto acabava sendo realizado no próprio balneário, mais precisamente na casa da gestante.

As duas primeiras parteiras foram as Senhoras, Germana Bahia e Anália Duarte. Essas duas mulheres eram sempre soli-

citadas, devido à eficácia de seus serviços voluntários.

Hoje, Iriri conta com um posto de Saúde municipal, atendendo a todos da comunidade em suas diversas necessidades, embora a população precise se deslocar para a sede em casos mais sérios, para realizar exames e ser atendido por especialistas. Em casos graves, ainda é necessário recorrer aos Hospitais da capital do estado ou à Cachoeiro de Itapemirim, uma vez que não há UTI no Hospital de Anchieta. Atualmente, com a maior facilidade de locomoção, os partos são feitos na sede do município.

O Alambique

Na primeira metade do século XX a Família Pereira dos Santos trabalhava com a plantação de cana para a produção de rapadura, mas em 1962 Iriri passou a ter um alambique, pertencente ao Senhor Aldomiro Pereira dos Santos (Cachaça Três Coroas) e um ano depois, seu irmão Otávio abriu uma concorrente (Cachaça Prainha). Houve ainda, logo em seguida, a criação de mais um alambique. Este do Senhor Gervázio Pereira dos Santos (Cachaça Barra Limpa).

O último alambique a ser desativado foi o do Senhor Otávio Pereira dos Santos, o qual teria sido fechado devido, segundo ele, aos grandes encargos sociais cobrados na década de 1980.

Associações pró - Iriri

Só em 1953, passou a existir um grupo no balneário com o objetivo de buscar melhorias para Iriri. Em 01 de março desse ano, o então deputado Eugênio de Souza Paixão organizou as primeiras comissões e a primeira Diretoria para a formação dos “Amigos de Iriri”, que era assim constituída:

Presidente de honra: *Manoel de Paula Serrão;*

Presidente: *Eugênio de Souza Paixão;*

1º Vice-presidente: *Cel. Francisco Alves de Athayde;*

2º Vice-presidente: *Jairo da Rocha Pimentel;*

Secretário Geral: *Dr. Lourival Serrão;*

1º Secretário: *Dr. Gualter Azevedo;*

2º Secretário: *Nildo Mancini;*

Tesoureiro Geral: *José Resende;*

Tesoureiro: *Dr. Danilo Monteiro de Castro;*

2º Tesoureiro: *Manoel Miranda.*

De acordo com Serrão (1972), essa comissão fez muito por Iriri. Através do então Deputado Dr. Danilo Monteiro de Castro, foi que esse grupo conseguiu uma verba de Cr\$ 100.00, para a iluminação pública.

Em 15 de fevereiro de 1960 surgiu o grupo “Sociedade Pró-melhoramento do Balneário de Iriri”, o qual teve seu estatuto aprovado em 16 de julho do mesmo ano e publicado no Jornal “Arauto” de 1º de setembro de 1960. A “Sociedade Pró-melhoramento do Balneário de Iriri”, em 1961, conseguiu através do então Deputado Federal uma verba de Cr\$ 3.500.00, destinado a água e ao saneamento básico de Iriri. (SERRÃO; 1972).

Em 14 de novembro de 1993, foi realizado o primeiro reencontro dos “Amigos de Iriri”. Esse evento continuou acontecendo nos anos posteriores, embora hoje reúna apenas descendentes dos fundadores e novos adeptos.

O Carnaval

Surge Iriri, surge também a festa! Relataram muitos dos entrevistados.

Iriri sempre teve seu espaço para as festividades. Tudo começou em uma casa de comércio, mais precisamente no bar do Senhor Antônio Basílio, onde funcionava, já na década de 1940, uma danceteria, chamada “Paióça”.

O carnaval de Iriri teve início nas ruas. Uma banda de música de Anchieta animava a festa. Posteriormente o senhor Ary Rodrigues e sua esposa “Mariazinha” cederam sua casa para a realização dos carnavais. Era uma casa com varanda em volta, comportando mais de 100 foliões.

Na década de 1950, em um espaço do lado do Hotel Costa Azul era realizado o carnaval. Esse espaço era inicialmente de areia, possuindo uma tapagem de palha, onde as pessoas normalmente dançavam descalças.

Com o tempo esse espaço tornou-se em uma espécie de boate, chamada “Cabana Costa Azul”.



Cabana do Costa Azul. Início da década de 1970.

Fonte: José Roberto Nadu de Carvalho.

Esse ambiente de dança foi, na década de 1970, ampliado pelos senhores Luiz Duarte, Calil Miguel e José Calil, que na época eram os donos sócios do Hotel Costa Azul. Nessa mesma época funcionou um Bingo no Hotel, onde esteve presente o Ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek. O presidente veio a Iriri a convite de Eli Junqueira que na ocasião era deputado. Com a criação da lei de proibição de casas de jogos no Brasil, o bingo que funcionava no Hotel foi fechado pela Polícia Federal.

O carnaval de Iriri, ao tomar maiores proporções, passou a ser realizado na avenida principal, onde vários blocos criados por veranistas se apresentavam. Entre eles, um dos mais tradicionais, era o Bloco do “Zé Pereira” que saía sempre na Sexta-Feira de carnaval.

Na década de 1950, moradores de Piúma se deslocavam para Iriri para participar das festas carnavalescas. Outra atração aos moradores das localidades vizinhas era a chegada de circos que se instalavam em Iriri.

Como exemplo, podemos citar o “Circo de Tourada Nazareth” que atraiu muita gente em fevereiro de 1957. Conta Joelson Bodart²¹, que sempre morou em Piúma, que na década de 1960 Iriri era o melhor lugar para os jovens se divertirem, especialmente quando estava presente os circos itinerantes que se estabeleciam em Iriri anualmente.

²¹ Entrevista concedida em 2005, quando o entrevistado tinha 53 anos de idade.

Exmo. Sr. Prefeito Municipal de ANCHIETA

Ciente:

de acordo.

A Fiscalização para proceder de acordo com as formalidades legais.

Em, 17/2/1957.
Silvino *[assinatura]*
Sup. Municipal

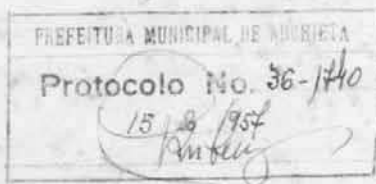
O abaixo assinado secretário do "CIRCO DE TOURA DAS NAZARETH", estabelecido em Irirí vem mais respeitadamente à presença de V. Excia., requerer licença para dar uma série de espetáculos a partir da presente data, nesta mesma localidade, prometendo cumprir com os requisitos desta Repartição.

Nestes termos

P. Deferimento

Anchieta, 15 de fevereiro de 1957

Felício Almeida



Ofício de solicitação de licença para apresentação de espetáculo circense.

Fonte: Casa da Cultura de Anchieta.

Em 1960 foi construído em Iriri um clube que recebeu o nome de Iriri Praia Clube, o qual tinha como sócios moradores de Iriri e veranistas.

O Clube foi inaugurado em 1962. Ali passou a ser realizado o carnaval de salão, onde apenas pessoas de melhores condições sociais frequentavam, o que ocorria devido à entrada não ser gratuita.

Paralelo ao Clube, a Paióça era o local de festa para as pessoas de menor poder aquisitivo. Enquanto os patrões iam festejar o carnaval no Iriri Praia Clube, os empregados dançavam na Paióça.

Na década de 1970 a Paióça passou a receber o nome de “cabana Paquetá”, tendo como novo dono o senhor Valcenir Alpoim.

Entre os anos de 1969 a 1974, funcionou em Iriri a Boate Gira Sol, fundada pelos filhos do senhor Jofre Ferrari. Mesmo sendo um salão de pouco mais de 20 mesas, durante seu funcionamento, foi o local de maior concentração de pessoas. Essa boate foi frequentada por pessoas de classe média e classe média alta, ganhando mais prestígio do que o carnaval do Clube.

De acordo com José Roberto Nadu de Carvalho, era muito difícil ver a presença de negros ou pobres na boate Gira Sol. Era o local de encontro da “elite” das regiões vizinhas e do estado de Minas Gerais.

Durante a existência da Boate Gira Sol, o carnaval no Iriri Praia Clube passou por uma crise, o mesmo ocorreu com a Cabana Costa Azul.

Em 1974, com o fechamento da Boate Gira Sol, o Clube de Iriri esteve em seu auge. Os carnavais voltaram a encher o salão de festa.

No ano de 1979, o senhor José Roberto Nadu de Carvalho e Geraldo Duarte arrendaram o Hotel Costa Azul. Uma das primeiras medidas tomadas foi a reforma da Cabana de dança que recebeu telha.

A Cabana Costa Azul voltou a ser opção de dança nos verões, passando a receber cantores famosos, como, Neguinho da Beija Flor, Gilberto Viver, a banda RC-7 (que tocava na época com Roberto Carlos) e José Lopes. Como o carnaval tinha mais força no Iriri Praia Clube, o senhor José Roberto Nadu de Carvalho, passou a contratar uma batucada para animar o carnaval em frente a cabana. Devido a gratuidade, a batucada fez muito sucesso, e a partir dali o Iriri Praia Clube voltou a ter um carnaval mais modesto, pois o carnaval de rua voltou a ter maior importância.

Uma das grandes figuras dos carnavais de Iriri foi Dona Emília, moradora de Inhaúma. Esta descendente de escravos costumava usar saias largas e coloridas para dançar pela avenida,

chamando a atenção de todos os veranistas que aqui visitavam.

Iriri teve em suas terras nas décadas de 1950 e 1960, um poeta e compositor. Era o senhor Elpídio Barbosa, um dos primeiros veranistas a se instalar nessas terras que ao lado de Guido Brunini, que tocava violino, animava as noites de Iriri.

No início da década de 1960 Elpídio Santana Barbosa animava o verão do balneário com sua viola, destacando entre tantas músicas cantadas, o Hino, a Valsa e o Bolero de Iriri, as quais fazem parte de nossa memória. As três músicas foram cantadas em muitos carnavais, porém nos últimos anos têm sido esquecidas. Seguem-se as letras de três canções:

“Iriri tu és um Sonho” – Bolero
Letra: Elpídio Barbosa - carioca

Iriri tu és um sonho.
Iriri tu és o amor.
És a praia abençoada
e privilegiada por Deus nosso Senhor.
Outras praias amorosas,
bem que te queres imitar,
mas embora formosa,
elas não conseguem aos teus pés chegar.
Lá bem longe onde vivo
eu ando sempre ativo,
e sempre a pensar,
que só o trabalho insano,
deixo no fim do ano e venho aqui te visitar
Aqui chegando,
vou logo procurando as carícias de teu mar
mas tão nada se iguala
a passear por tuas praias à luz do teu luar.

Valsa de Iriri
Letra: João Ribas da Costa – Paulistano
Música: Elpídio Barbosa – Carioca

Terra inigualável, terra de meus sonhos!
Céu de imaculado Azul!
Águas cristalinas, tardes purpurinas
Praia sem rival no sul.
Dotes preciosos, dias futurosos!
Deus concentrou tudo em ti.
És da natureza autêntica beleza,
Quem não te amarás Iriri!...
Linda “Praia Menina”;
Nascestes p’ra ser meu bem.
Tenho até ciúmes
Dos outros que te amam também!
Se é meu triste destino
Viver longe de ti,
Eu, saudoso vivo a invejar
Que pode viver no Iriri.

“Hino de Iriri” – Música de Carnaval
Música e Letra: Elpídio Barbosa – Carioca

Há muito tempo
Eu frequento isso aqui.
Praia igual a essa
Eu nunca vi. (bis).

Fatura, Marataízes...
Saúde, Guarapari...
Mas felicidade
Só se encontra em Iriri.

Elpídio Santana Barbosa além de contribuir para o carnaval, ajudou na realização de várias plantas de casas, como por exemplo, a planta da residência do Sr. Eraldo de Oliveira Nascimento localizada na Rua Major Jacinto Matos, nº. 77-A.

Hoje a festa de carnaval é patrocinada pela Prefeitura Municipal e pelos comerciantes locais, sendo realizada na praça dos artesãos, rompendo assim com a desigualdade racial e social que existia no passado, pois participam dela pessoas de todas as classes e lugares do país.

Micariri à Frutos do Mar

Foi a partir de uma ideia isolada que surgiu em Iriri um carnaval fora de época. A senhora Regina Lúcia Caetano Santos buscou mostrar para os comerciantes locais que era possível promover um evento sem depender de ajuda da Prefeitura Municipal e com esse evento arrecadar fundos para a compra de mercadorias para o verão.

A senhora Regina Lúcia Caetano, que na época era hoteleira, passou a acreditar em sua ideia e buscou concretizar o MICARIRI (Mini-carnaval de Iriri). Na praia anunciava aos banhistas que no dia 12 de outubro iria ser realizado um evento em Iriri. Suas propagandas foram feitas em muitas rádios do país, onde ela realizava a ligação e então no ar anunciava o MICARIRI. Por meio de uma amiga (a senhora Auxiliadora), ela conseguiu uma propaganda na Rede Globo por meio de um patrocínio da Itape-mirim, a qual ficou no ar durante uma semana com aproximadamente cinco chamadas.

Com as propagandas realizadas, muitas famílias vieram ao balneário. Na ocasião a Prefeitura forneceu apenas algumas caixas de som. Mesmo com som mecânico o I MICARIRI foi um sucesso.

No ano seguinte a prefeitura assumiu o evento o classificando como o primeiro MICARIRI. O estilo de música acabou atraindo muitos “baderneiros” o que levou muitas famílias a deixarem de frequentar os eventos seguintes.

Com alguns anos, devido ao tipo de turistas que estavam sendo atraídos, a população resolveu acabar com o evento, criando no lugar o “Frutos do Mar” que vem ocorrendo anualmente.

O Clube de Iriri

O clube de Iriri teve sua fundação em 1960, possuindo vários sócios fundadores. Neste início, cada um deles pagou uma quantia de CR\$ 200.000 (duzentos mil cruzeiros).

O primeiro carnaval no clube ocorreu em 1962. O salão do clube ficou cheio, as pessoas se empolgaram ao som de uma pequena orquestra.

Às quinze horas iniciava-se a matinê destinada às crianças que, se estendia até as dezessete horas. À noite no momento mais esperado, era realizado o carnaval propriamente dito.

Os carnavais do clube eram destinados a pessoas de classe média alta. Os demais realizavam suas festas na avenida, onde, assim como dentro do clube, todos se fantasiavam. Nesses tempos, as classes sociais eram bem distintas, assim como os preconceitos.

Empregada doméstica não podia ir à praia pela manhã, só à parte da tarde e nem entrava no clube (Bernadinho Souza Neto ²²).

A discriminação social se estendia além do clube. As domésticas, muitas vindas com as famílias veranistas de outros Estados, só podiam ir à praia depois que suas patroas voltavam. Quanto ao lazer noturno, a grande maioria frequentava a Boate Paquetá que era de propriedade do Sr. Valcenir Alpoim e ficava na rua da escola.

Dentre os sócios do clube, a maioria eram veranistas que haviam se apaixonado por Iriri. Eis abaixo alguns dos primeiros sócios:

Ely Junqueira, Humberto de Calazans Mignone, Manoel de Souza Doares, Feliciano Lopes, Antônio José Rua, Manoel Miranda, Milton Vivas Guimarães, Gumercindo Grado, Ramon Oliveira Neto, Nelson de Oliveira Neto, Ary Rodrigues, Arsílio Caído Ferreira, Jayme de Lima Campos, Darcy Ribeiro de Castro, Nestor de Azevedo Carvalho, Antônio Carreira Motta, Wanderley de Almeida Serrão, Danilo Monteiro de Castro, Manoel de Almeida Serrão, José Simões, Argentino Franzotti, Plínio Araújo, Lauro Ramos Soares, Willian Moreira, José Leal Neto, Manoel de Paula Serrão, Nilton Alpoim, Humberto Capai, Carlos Chavier de Vasconcelos Rosa, Fausto Sant'anna, Gilberto Domingues, Theodomi de O. Leal, Mario Pires Martins, Jorge Maneri, Luiz Carlos de Machado, Fernando Moscon, Ruy Resende Martins, Demétrio Alberto Alpoim, Joaquim Gomes de Campos Braga Junior, Mario Penna Forte Viana, Wolmar Zamprogno, Jofre Ferrari, Severino Alvarenga Imperial, Sizinio Felisberto...

²² Entrevista realizada em 2004, quando o entrevistado tinha 69 anos de idade.

A Igreja Católica em Iriri

Iriri na primeira metade do século XX contava com apenas a existência de uma capela dedicada à Nossa Senhora das Graças, a qual tinha a senhora Júlia Alpoim e seu esposo Altino Alpoim como zeladores.

A capela de Nossa Senhora das Graças, tinha como chefe religioso o Padre Luiz Maria. Esta se localizava onde é hoje a residência do Senhor Orlando Franzotti, cidadão de Alfredo Chaves.

Nessa época, antes da construção da Igreja, os casamentos ocorridos em Iriri em realizados apenas no civil, tendo essa cerimônia como local a casa dos noivos ou de seus pais.

O primeiro tabelião de Iriri foi o Senhor Cornélio Dias da Fonseca. Esse prestava seus serviços nas casas dos noivos.

Nas décadas de 1930 e 1940, era comum a pequena população de Iriri se deslocar para uma Romaria a Vila Velha, isso através de carros abertos, conhecidos na época como “Pau de Arara”.

Os batismos das crianças nascidas em Iriri, antes da década de 1940, ocorriam em Anchieta na Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção.

No dia 25 de janeiro de 1947 foram realizados, segundo os registros oficiais da Igreja Católica, os primeiros batismos em Iriri, antes mesmo da construção da Igreja no balneário.

37. A vinte e cinco de jan. de mil novec. e quatro e sob: em Anchieta, bat. sou-se sobte a Valceny nascida a vinte tres de out. do ano pasado, filha de Milton Tvo Alpoim e Maria Ramos Alpoim. Pa drinhos Sidney dos Santos Fonseca e Carmelina João Alpoim. P. Fred Dickhoff.

A três de Outubro de mil novecentos e quarenta e oito, em Iriri, batizou-se sobte 806
Wilson, nascido em três de junho deste ano. P. Cy. de Bernardo Salvo e Dora
gira Salvo. Padrinhos: Angelina Salvo e Vívina Alves Batista. Wilson
P. Fred Dickhoff

A três de Outubro de mil novecentos e quarenta e oito, em Iriri, batizou-se sobte 807
João, nascido em quatro de Maio deste ano. P. civil de Arnaldo Alpoim
e Italina Alpoim. Padrinhos: Carlos Corrêa dos Santos e Womaz dige, Alpoim
P. Fred Dickhoff

três de Outubro de mil novecentos e quarenta e oito, em Iriri, batizou-se 808
sobte Zilina nascida em vinte e três de julho de mil novecentos e sete
civil de Manoel Ferreira de Oliveira e Benedita Alpoim. Padrinhos: Alpoim
Alpoim e Demurra Alpoim. P. Fred Dickhoff

Registro de Nascimento de 1947 e 1948.

Fonte: Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção.

Dona Júlia se apresentou na comunidade como uma pessoa muito dedicada ao catolicismo. Essa dedicação levou a promover eventos na busca de um dia construir uma igreja em Iriri. Seu esforço somado a participação dos demais seguidores religiosos, concretizaram um sonho: a construção da Igreja Católica.

A Igreja Católica “Nossa Senhora das Graças”, foi inaugurada na manhã de 27 de novembro de 1949. Um dia de muita festa. O fato foi marcado por missas e procissões.

A festa de inauguração foi tão movimentada que, segundo a senhora Anatila Freire dos Santos, a sua mãe Quintina Alpoim se perdeu em Iriri.

Minha mãe, que era dona do Iriri se perdeu nesse dia, de tanta gente. Ninguém acredita (...). Muita música e a gente nem sabia o que era aquilo (Anatila Freire dos Santos).

O maior responsável pela construção dessa igreja foi o Pe. Francisco de Assis, da paróquia de Anchieta. Nessa realização, nome como o do Senhor João Brahim Depes, não pode ser esquecido, isso devido a sua grande contribuição.

O Padre Luiz Maria continuou como responsável religioso de Iriri. Um fato engraçado para a época, era a chegada desse padre, que se deslocava de Anchieta de lambreta, na época veículo muito barulhento que chamava atenção das pessoas.

A dedicação da Senhora Júlia Alpoim não teve término com a construção da igreja. Ela esteve sempre à frente de festas para levantar fundos, com o objetivo de ampliar a já construída igreja.

Buscava-se realizar as festas sempre no verão para aproveitar a presença dos turistas. A festa de Nossa Senhora das Graças, por exemplo, deixava de ser realizada na data tradicional, em 27 de novembro, para ser realizada durante o verão. Essa adaptação ocorreu até a década de 1970, pois a partir daí a população de Iriri já havia se ampliado bastante. Até essa mesma data, a procissão de Corpus Cristo era realizada em Anchieta.



Festa na Igreja Católica de Iriri na de 1950. É possível ver no alto a residência de Alberto Vieira Machado
Foto: BRUNINI, Guido.



Igreja Católica “Nossa Senhora das Graças”.
Década de 1970.

Fonte: CARVALHO, José Roberto Nadu de.

Entre as pessoas que abraçaram a caminhada da Igreja Católica não se pode esquecer também a dedicação de Dona Ângela Valliat, cujo nome foi dado ao Salão Paroquial; à família de Dona Carminha Louzada, sempre à frente dos cantos e trabalhos da Igreja; o sr. Athaide Caprini e Esposa Iara Caprini; Wallace Garcia de Mattos (coordenador por vários anos consecutivos); o sr.

Antônio Abrantes; Lourdes Baliana; Ernesto; as famílias Costa e Bissa, e tantos outros.

Os eventos religiosos eram os principais programas para os jovens.

A Igreja de Iriri, quando foi inaugurada, tinha um alto-falante velho, mas que funcionava. Eram oferecidas músicas e através dessas músicas ganhava-se um “trocadinho” para a Igreja (Maria Madalena Freire Moreira ²³).

Ainda na década de 1950, um grupo Evangélico da Igreja Assembleia de Deus, realizou em Iriri cultos nas residências de simpatizantes, os quais eram em pequeno número. Iriri começava a receber o protestantismo.

Durante anos, a Igreja Católica possuiu o monopólio religioso, sendo a única denominação cristã a ter um templo no balneário. Em 2005 Iriri contava com outras denominações cristãs, sendo elas (em ordem de fundação): Igreja Batista, Igreja Cristã Maranata e a Congregação Cristã no Brasil. O número de adeptos ao protestantismo no balneário tem crescido de forma significativa, embora ainda os Católicos sejam maioria.



***Decada de 1950.
Uma das principais vias do balneario***

Mitos Que Fizeram História

O Mito é sem dúvida um fato social marcante na comunidade, pois surge a partir dela e de alguma forma afeta o grupo. Não seria possível desvendar o surgimento do mito, bem como explicá-lo à luz da racionalidade. Para que não se perca suas características peculiares, buscamos apresentá-los de forma mais original possível, o que conseguimos através de entrevistas a membros do grupo social.

Ouvindo alguns dos mais antigos moradores de Iriri, nos impressionamos com a forma com que se narram os mitos que durante anos fizeram parte da História dessa comunidade. O entusiasmo e a crença nas histórias relatadas nos chamam muita atenção ao longo das entrevistas.

Contam os mais velhos que as pessoas ricas enterravam suas fortunas para que ninguém as encontrasse. Nessa tarefa, era utilizado um escravo, que fazia um buraco para por as moedas de ouro e este, logo após o serviço, era surpreendido pelo seu senhor que lhe tirava a vida. Assim sua riqueza estava segura, garantindo-lhe o segredo.

Após a morte do senhor afortunado, o lugar se tornava assombrado. Ali se ouviam vozes e outros barulhos.

A suposta assombração, segundo os moradores, possui duas explicações. A primeira, afirma que o afortunado só descansava após revelar seu segredo. Para isso aparecia nos sonhos das pessoas, lhes mostrando o lugar aonde foi enterrado o seu tesouro.

A pessoa pega, enterra e não fala pra ninguém [...] O morto não tem sossego enquanto não mostrar para outra pessoa [...] Na hora que a pessoa vai descobrir ele fica naquela ambição, aí é a hora que chega essa ‘visagem’ para ver se a pessoa tem coragem mesmo [...] Depois que retira acaba (Maria da Penha Machado Cardoso ²⁴).

A segunda explicação está relacionada aos escravos. O escravo com raiva do seu senhor buscava, através dos sonhos revelar o segredo do seu assassino. O senhor afortunado, por sua vez, assombra o lugar para proteger sua riqueza. “Aparece àqueles vultos, muita conversa...” (Genézio Cardoso²⁵).

A pessoa que recebe o sonho não pode contá-lo a ninguém e a meia noite se dirigir até o lugar revelado. O sonhador deve demonstrar coragem para ser realmente o escolhido a encontrar as moedas de ouro. Manoel Marvila Bissa²⁶ afirmou: “não é história não. Eu fui tirar o dinheiro (...) e não deu certo, mas teve gente que achou”.

²⁴ Entrevista realizada em 2004, quando a entrevistada tinha 63 anos.

²⁵ Entrevista realizada em 2005, quando a entrevistada tinha 70 anos.

²⁶ Entrevista realizada em 2004, quando a entrevistada tinha 74 anos.

Acharam um boião cheio de dinheiro de baixo de uma figueira preta (...) Por acaso ele ia passando e diz que viu um reflexo de luz. Dizem que onde há reflexo de luz, há dinheiro. Ele foi em casa passou a mão no enxadão. Foi lá cavar e achou um boião de moedas (Martins Gonzáles de Almeida ²⁷).

Existia em Iriri um pé de flamboyant próximo onde é hoje a agência de ônibus. Essa árvore, segundo o senhor Licinho Menegueli Francisco era assombrada. Ali muitas pessoas não passavam, ou simplesmente passavam correndo. Licinho Menegueli Francisco²⁸ dizia que “o pessoal achava que era dinheiro que tinha enterrado”.

Acredita-se que rondavam Iriri cavalos assombrados. Esses apareciam pelas madrugadas e com eles viam ventos assustadores que amedrontavam a muitos. Não se sabe que cavalos eram esses, de onde vinham ou para onde iam. O senhor Manoel Marvila Bissa conta um fato ocorrido com ele:

Desceu um cavalo morro a baixo, bicho, do meio de um camarazero que não tinha nada, Camarazeiro puro, sarrado. Só tinha a estrada que nós ia passando. Aquilo vinha rinchando e aquela ventania dana na frente, é triste. Na hora agente se arrepiou todo, mas aí, aí”. Passou o vento, cadê rapaz? Nada. Nada, nada, nada, tudo quieto. Eu disse: Que é isso? Será que os cavalos estavam aqui e vieram rinchando? Eu também não tinha certeza de nada. Tinha era alguma coisa aí, rapaz! (sic) (Manoel Marvila Bissa).

Muitas histórias nos foram contadas. Uns dizem que são apenas lendas, outros juram ter presenciado os acontecimentos. Na dúvida, quem sabe não seria melhor, no caso de ter um desses sonhos, pegar uma enxada e averiguar as coisas de perto? Ou virar o travesseiro e continuar dormindo tranquilo.

²⁷ Entrevista realizada em 2004, quando a entrevistada tinha 104 anos.

²⁸ Entrevista realizada em 2004, quando o entrevistado tinha 73 anos de idade.

14

O Navio Paquetá

Em uma manhã, às 10 horas do dia 29 de Setembro de 1972, chegou próximo à costa das praias de Iriri um navio de nome Paquetá. Este estava vindo do Rio Grande do Norte, carregado de sal marinho.

Os pescadores constataram na ocasião que o pequeno navio (aproximadamente 60 metros) estava naufragando, tendo a bordo 13 marinheiros. Às 18:30h o Paquetá estava submergindo. Da praia, muitos contemplaram o navio todo iluminado desaparecendo no oceano. Às 20h a embarcação estava completamente submersa.

Alguns pescadores acreditam que os tripulantes teriam causado o acidente para receber uma possível indenização, já que o navio era velho e estava no seguro.

Hoje, o Paquetá se encontra no mesmo lugar, podendo ser visitado por mergulhadores. Embora o casco já tenha sido enterado pela areia, restando visivelmente apenas à cabine (casaria) vale a pena visitá-lo. Ali é comum ver cardumes de peixes em busca de abrigo e alimento.

Até aproximadamente 1995 era possível ver os mastros da praia. Era uma atração turística e muitos donos de barcos, no verão, transportavam turistas até os mastros praticando mergulho no local.

15

Artesanato

Em Iriri, o turista vai se deparar com artesanatos de todos os tipos: de madeira, de pano, de cerâmica, de prata, de cipó, de conchas, de búzios, de escamas de peixes, de couro e metais.

Destaca-se no balneário a ASSARTI (Associação dos Artesões de Iriri) que possui um espaço de exposição e venda próximo à Praia Costa Azul, na Praça do Artesão. Tal associação foi idealizada e fundada por José Maria Montagnoli da Silva.

Além da ASSARTI, existem outros pontos de venda de artesanatos, como por exemplo, a Galeria de Artes de Iriri, a qual apresenta grande variedade de produtos.

A habilidade artesanal é uma herança deixada pelos tupiniquins, que desenvolveram em nossa região a produção artesanal a partir de várias matérias primas, como a argila, a madeira e o sisal.

Quem aqui passa e leva um artesanato, o leva como prova concreta de ter estado por aqui. Mas a lembrança desse belo lugar não vai à mala, mas na memória.

Os Portugueses em Iriri

Além das pessoas que vivenciaram o nascimento desse balneário é importante fazer menção daqueles que foram chegando, adotando Iriri como sua terra e corroborando para seu desenvolvimento. Destacamos aqui os Abrantes, família portuguesa que cruzou o oceano para encontrar nessas praias o seu lugar.

Tudo começou em maio de 1958 com a chegada do sr. Manoel das Neves Abrantes, que saiu de Coimbra, mais precisamente da “região da Vaiarada”, onde era agricultor. Manoel das Neves Abrantes veio para o Brasil, morar inicialmente em Cachoeiro do Itapemirim e trabalhar na construção civil.

Em agosto de 1959, Manoel das Neves Abrantes veio para Iriri a convite do sr. Feliciano Lopes para trabalhar na construção do Hotel Costa Azul, já iniciada em anos anteriores. Nessa época o gerente do Hotel era Bernardino de Souza Neto. Do trabalho no Hotel Costa Azul, passou à construção do Iriri Praia Club e depois à Construção da residência de sr. Negrão de Lima. Chegou a se hospedar, nesse período, no Hotel Morubixaba de Dona Lourdes Baliana. Em 1961 vieram da Itália o pai Manoel Alves Abrantes e a sua mãe Ana de Almeida das Neves e Manoel retornou a Cachoeiro. Com o dinheiro economizado comprou um pequeno hotel chamado “Hotel Belo”, que administrou por dois anos. Depois disso, o vendeu e comprou o “Restaurante Alasca”, que funcionava onde foi, a alguns anos a Caixa Econômica Federal, no Centro de Cachoeiro de Itapemirim. É dessa época a receita tão famosa do “pastel do português”. Em 1965 vendeu o Alasca e retornou a Iriri, onde comprou o terreno no qual começou a construir o que é hoje o “Hotel Juliana” e o Bar do Português. Em 1967 casou-se com Dona Lourdes, professora do Estado, de família cachoeirense, que passou a lecionar no “Coronel Gomes”, em Anchieta até conseguir se transferir para o “Manoel de Paula Serrão” em Iriri, onde lecionou até se aposentar.

Em 1967, veio o irmão mais novo Antônio das Neves Abrantes para ajudar na construção do hotel e em 1969. Este casou por procuração com Maria, que veio de Portugal morar em Iriri com seu esposo. Os irmãos Abrantes construíram família, criaram seus filhos em Iriri. Manoel teve 4 filhos: Eduardo, Juliana, Leonardo e Thiago. Antônio teve 3 filhos: Jorge, Antônio Manuel e Paulo. O primo Casimiro acabou vindo morar e constituir família por aqui.

Os membros da família Abrantes estão diretamente relacionados ao comércio local, sendo pessoas participativas em todos eventos promovidos pela comunidade.

Belezas Naturais

Iriri se localiza na Bacia Hidrográfica Leste, mais precisamente na micro bacia do Benevente. É dotado de um pequeno rio que se transforma, por obra da natureza, em lagoa; por duas nascentes e um oceano.

A “Lagoa”

Na hidrografia de Iriri podemos destacar o rio Iriri, que tem sua nascente na divisa com o município de Iconha e sua foz no Oceano atlântico (a leste), tornando-se ao sul em uma fronteira natural com o município de Piúma.

Segundo depoimentos de moradores antigos, a “lagoa de Iriri” (assim é chamada por eles), ou ainda, “Lagoa da Conceição”, era mais estreita, porém mais profunda e com uma maior capacidade de encher e romper a areia da praia que a limita, desaguando no mar. Uma prova concreta disso é a existência de uma pilastra, próximo ao mar, que foi base de uma pequena ponte que ligava uma margem à outra, pois durante a existência da ponte o volume de água proporcionava vazantes constantes. Essa ponte era usada por pescadores que, no início do século XX, moravam onde é hoje o bairro Portinho (município de Piúma) e pescavam nas praias de Iriri.

Com o fim dessa ponte, anos depois foi construída uma ponte na cabeceira do “Rio Iriri” (conhecido como Lagoa de Iriri), pois assim nos dias de vazão a passagem continua sendo possível.

Na década de 1960, era possível pescar na lagoa diversos peixes, tais como, como tainha, robalo, cará-peba, traíra e, principalmente, o “pratibú” (filhote de tainha).

Os terrenos marginais da lagoa, em sua parte leste, são predominantemente arenosos. Dunas de pequena elevação mergulham na lagoa, cobertas por vegetação rasteira e arbustiva. Pequenas áreas de manguezal são ainda observadas.



**Lago de Iri e a Praia Areia Preta, ao fundo.
Década de 1960.**

Fonte: BRUNINI, Guido.



**Praia da Areia Preta e Lagoa da Conceição.
Década de 1970.**

Fonte: Associação Amigos de Iri.

Uma nascente que delimitava o território

Existe ainda hoje, uma nascente proveniente do morro (parte oeste de Iri), a qual foi encanada até a praia do Costa Azul, no canto da sul da praia. Se comparada a sua característica natural, veremos como o homem é capaz de transformar o espaço em

que vive.

Essa nascente, antes do aterramento e colocação de manilhas para calçamento do morro na gestão do prefeito Moacyr Carone Assad, existia onde é hoje a quadra esportiva, o Centro Educacional Tom & Jerry. Tratava-se de um brejo repleto de jacarés. Ali os moradores, segundo depoimento da Senhora Jacira Fernandes dos Santos, arrancavam tabuas para a confecção de esteiras e traveseiros e pescavam alguns peixes como, por exemplo, a traíra.



Nascente. Década de 1960.

Fonte: BRUNINI, Guido.

O brejo, que antes possuía um significativo volume de água, devido ao processo de ocupação, perdeu seu potencial. Hoje o observando, se confunde com um escoamento mínimo de águas pluviais.

Essa nascente era o limite entre Iriri e Inhaúma. Portanto, Iriri na época, possuía aproximadamente apenas metade de seu território atual.

16.1. As Praias

Podemos afirmar que a natureza foi bem generosa com Iriri. As quatro praias existentes são sem dúvida nenhuma, os pontos mais atraentes do balneário.

As praias foram, durante a primeira metade do século XX, as portas de saída do café cultivado nessa região.

Hoje, as praias e as águas límpidas continuam tendo um papel importantíssimo, pois graças a elas e a tranquilidade do lugar, chegaram os primeiros turistas, bem como, os visitantes atuais. O balneário, muitas vezes, é mencionado nos veículos de comunicação de massa como a “Búzios Capixaba”.

Um fato histórico curioso em Iriri é a escolha da suposta melhor praia. Qual seria a melhor? A resposta, naturalmente, poderia ser: “depende do gosto de cada um”. Um fato histórico fez com que a melhor praia fosse, entre as décadas de 1940 e 1990 a Praia Areia Preta. A explicação dada pelos moradores mais antigos é a seguinte: entre as décadas de 1940 e 1960 as empregadas ao terminarem seus serviços, por volta de duas horas da tarde, se dirigiam à Praia Costa Azul para se banhar. Devido a esse costume, os patrões passaram a considerar essa praia inferior, sendo própria apenas para os empregados. A partir de então, todos que por aqui chegavam ouviam essa “verdade” que passou a ser de forma consciente, ou inconsciente, introduzida na mentalidade de ambas as classes sociais. Outro fator que levou a definição da Praia da Areia Preta como melhor foi o fato da Praia Costa Azul, nas décadas de 1980 e 1990, por ser a central, ser a preferida por banhistas de municípios vizinhos que vinham de ônibus e eram chamados de “farofeiros”. Todas essas questões são puramente frutos da discriminação social e racial que existem, embora de forma disfarçada. Na verdade, ambas praias são boas e o que as difere atualmente é o público que as frequenta por questões menos complexas. A areia Preta, na parte que também é chamada de Ilmenita, é frequentada por famílias com crianças e idosos por causa de suas águas calmas e boa porção de sombra. A parte depois da pedra divisória é frequentada por pessoas mais jovens ou casais sem filhos, pois suas ondas são mais fortes e ela é mais profunda. A praia da Costa Azul é basicamente familiar por causa da sombra das castanheiras, pelas águas rasas e calmas. A praia dos Namorados, por ser a mais isolada, como o próprio nome sugere, atrai namorados, e em dias de vento surfistas, pois as ondas são melhores para a prática do esporte. A praia da Santa Helena, que até pouco tempo era deserta, já atraiu nudistas. Hoje, atrai famílias e pessoas que desejam mais privacidade e bucolismo.

Praia Santa Helena

Ao norte temos a Praia de Santa Helena, a qual apresenta uma paisagem mais natural, em relação às demais praias. O processo de povoação dessa área se deu apenas partir da déca-

da de 1990, estando ainda em seu princípio, possuindo poucas habitações e um condomínio fechado chamado Aldeia de Iriri.

A Praia de Santa Helena possui esse nome devido ao fato de Otávio Pereira dos Santos, herdeiro de Jorge Pereira do Santos, ter vendido essas terras para Mario Pires que passou a chamá-la de “Santa Helena” em homenagem a sua esposa Helena.

Mario Pires acabou vendendo para Amelar Menezes, que ao falecer deixou para seus filhos, os quais lotearam o terreno e deram início ao processo de povoamento dessa praia.

Praia dos Namorados

Outra praia, separada da Praia Santa Helena por um rochedo litorâneo, é a Praia dos Namorados, assim chamada devido ao fato de ser mais isolada. Esta tem um espaço propício para a prática do surf.

A Praia dos Namorados provavelmente já possuiu outro nome. Uma planta desenhada na década de 1970, pertencente à prefeitura de Anchieta, destaca essa praia como Praia do Ingá.



Praia dos Namorados em 1953.

Foto: BRUNINI, Guido.

Segundo a senhora Rosa Maria da Conceição Bissa de 80 anos, nessa praia realmente existiam pés de ingá, o que é um indicativo de que um dia essa praia foi conhecida como Praia do Ingá.

Praia Costa Azul

Na área central do balneário, situa-se a Praia do Costa Azul, que é separada da Praia dos Namorados por um pequeno morro, conhecido como morro do Juiz. O nome desse morro foi dado devido ao “fato” de na década de 1940, um juiz, por nome de Nilton Fenir, aparecer por essas terras e resolver construir ali sua casa. O juiz trabalhou em Anchieta e por algumas vezes se dirigia ao trabalho de barco. Em uma dessas idas à Anchieta, ele teria se ferido. Voltou para sua terra natal onde acabou falecendo devido a tétano. Esse acontecimento chamou muita a atenção dos antigos moradores, que desde então, passaram a chamar aquele morro de “Morro do Juiz”.



Praia do Costa Azul. Década de 1950. No fundo a ponta da pedra “Criminosa”.

Foto: BRUNINI, Guido.

A praia mais frequentada do Balneário é, sem dúvida, a Praia Costa Azul. O grande número de banhistas se dá devido à boa infraestrutura, sendo esta dotada de sorveterias, praça de artesanato, quiosques, lanchonetes, calçadão, salva-vidas e restaurantes. Somado a isso, temos sombras naturais, produzidas por lindas castanheiras.

Essas castanheiras foram durante as décadas de 1930 e 1940, o que mais se destacava na orla marítima. Esse fato levou a praia naquela época a ser conhecida como Praia da Castanheira.



Praia Costa Azul. Década de 1980.
Fonte: CARVALHO, José Roberto Nadu de.



Praia dos Namorados em 1998

Praia da Castanheira não foi o primeiro nome dado à praia. No início do século passado, os pescadores ‘batizaram’ uma pedra da parte sul da praia, de Pedra Criminosa, devido ao fato de que ali era um lugar perigoso e que, segundo algumas testemunhas, onde teriam morrido algumas pessoas. Como a praia ainda não possuía um nome, os pescadores passaram a chamá-la de Praia da Pedra Criminosa. Mais tarde, com a construção do Hotel Costa Azul, a praia passou a ser chamada de Praia do Costa Azul.

Na praia do Costa Azul, um fenômeno que chamou a atenção de muitos a alguns anos atrás foi o fato de um pescador, chamado Roberto Alpoim, criar tartarugas a mais de 10 anos. O viveiro é o oceano Atlântico. As tartarugas têm seus nomes próprios e atendem ao chamado do pescador, que as alimentam com as mãos. O pescador Roberto e suas tartarugas já foram notícias nos principais jornais do Estado, em programas de televisão, tais como o Fantástico, da Rede do Globo.

Praia Areia Preta

Ao sul do balneário, se localiza a Praia da Areia Preta, a qual leva este nome devido à existência de areias monazíticas de coloração negra. Muitos são os que buscam essa praia devido a seus benefícios medicinais. Outros procuram ali suas belezas naturais, acompanhados de sua infraestrutura que também é de boa qualidade.



Praia da Areia Preta. Década de 1950.

Foto: BRUNINI, Guido.

No canto norte da praia, é possível o banhista contemplar tartarugas e outros animais marinhos, revelando a riqueza existente. Essa praia é dividida naturalmente em duas partes. Essa

divisão ocorre através de uma espécie de recife, o qual não se encontra todo submerso, mas ligado ao continente.



Praia Areia Preta. Década de 1960.

Fonte: BRUNINI, Guido.

À parte norte da praia da Areia Preta apresenta-se mais calma, isso devido ao pequeno pontal que a refugia das ondas que vem do alto mar. Já na parte sul, o mar é mais agitado, sendo comum contemplarmos no inverno ondas de até 3 metros de altura. No mês de Março, durante a chamada pelos pescadores, “Maré de Março”, ocorre um espetáculo da natureza capaz de chamar a atenção até dos moradores mais antigos do balneário. É o encontro do mar com a “lagoa”. Nessa época, a maré do mar está em alta, em seu ponto máximo, como nesse mesmo período o oceano se encontra muito agitado. As ondas em um lindo espetáculo transpõem o banco de areia da praia e se lançam à “lagoa”, percorrendo uma distância de aproximadamente 100 metros. Mas o espetáculo não termina por aí. Ao receber as águas do mar, a “lagoa” aumenta seu volume de água, fazendo com que ela transborde e assim devolva as águas ao mar. Essa vazante acaba abrindo uma grande vala na areia, ligando a lagoa ao oceano. São muitos os que nesse período se deslocam para o local a fim de observar esse lindo espetáculo natural.

Essa praia é o lugar preferido para realizar “luais”, que são noites festivas com muita música, frutas tropicais e fogueira.

Algumas testemunhas do “desabrochar” do Balneário

Muitos forma os que colaboraram com o desenvolvimento de Iriri. Listo aqui alguns deles e desde já fica registrado meu pedido de desculpa por aqueles que não foram aqui citados, mas que igualmente colaboraram para o desabrochar desse belo balneário:

Alberto Machado Alpoim; Aldomiro Pereira dos Santos; Anália Duarte; Antônio Basílio; Argentino Franzott; Belmiro Alpoim; Bolo Cardoso; Boaventura Guimarães; Caio Martins; Cecília Döelinger da Fraga; Comendador Braga; Cornélio Dias da Fonseca; Demetrino Alberto Alpoim; Donato Fortunato; Egidio Pensine; Ely Junqueira; Elói Ribeiro da costa; Elpídio Barbosa; Eval Alpoim; Fausto Santana; Francisco Nogueira; Fortunato Campos Paiva; Genésio Cardoso; Germana Baia; Gilberto Alves Domingues; Hiltom Bissa; João Brahim Depes; Jorge Pereira dos Santos; José Apolônio; José Simão; Manoel de Paula Serrão; Manoel Miranda; Manoel Freire; Norberta Garcia Freire; Maria da Penha M. Cardoso; Maria Madalena F. Moreira; Mário Pires; Neves de Deus Lousada; Nicinho Menequele Francisco; Nilton João Alpoim; Otávio Pereira dos Santos; Padre Francisco Assis; Padre Luiz Maria; Pedro Pereira dos Santos; Rubens Rangel; “Tenente Martins”; Valdomiro Pereira dos Santos...

Considerações Finais

Mesmo em pleno século XXI, Iriri apresenta-se como um balneário bucólico. Para chegar a este estado foram muitas lutas promovidas por moradores e turistas, a fim de promover um progresso organizado e sem excessos. A união entre turistas e moradores possibilitou um planejamento urbanístico que deu certo. Torna-se necessário manter e reforçar a cada dia essa parceria e para isso é importante conhecer a sua História, resgatando aspectos identitários importantes.

Iri, em pouco tempo, deu lugar a esse balneário belíssimo chamado Iriri. Muitos personagens dessa história colaboraram nessa transformação. Certamente não demos conta de citar todos os colaboradores, assim como narrar todos os fatos ocorridos ao longo do desenvolvimento histórico de Iriri.

Esse livro não teve por pretensão apresentar uma história acabada, pronta, pelo contrário, se apresenta como apenas mais um passo dado rumo ao resgate histórico de Iriri. Lamento por não ter publicado este livro antes e que muitos dos entrevistados não puderam ter acesso a essa obra, por já não estarem entre nós. Dentre os que já partiram está um amigo, que embora não mora em Iriri, adorava as suas praias. Amigo que muito me incentivou a escrever esse livro, leitor atento de cada parágrafo rascunhado. Terminei, de forma não convencional, com um dos seus poemas que escreveu inspirado na leitura dos rascunhos iniciais dessa obra:

Espaço de Beleza de Iriri

Presépio da natureza
 Nesse espaço geográfico
 Fazendo do Iriri,
 Dos balneários, o máximo.
 Na praia de Santa Helena
 Namorados, Costa Azul
 E a linda praia Areia Preta
 Atração de Norte a Sul

Tem areia monazítica
 Em jazida natural
 Para tratamento de pele
 Reumatismo e outro mal
 Ambiente pra surf

Tem tudo para criança
Existe mar agitado
Água calma e água mansa

Em seu desenvolvimento
Um parque de artesanato
Figueira mais de cem anos
Marisco tem para o gasto
Tartaruga vem na praia
Nesse ambiente de amor
Recebendo alimento
De Roberto pescador

Érico Fernandes da Silva - 2004

Fontes

MEMÓRIA BELGO. Dom Helvécio Gomes de Oliveira: um arcebispo na história da Belgo. Fundação Acerlor Mittal Brasil. Disponível em: <http://www.fundacaoarcelormittalbr.org.br/arquivos/boletim_68_-_dom_helvecio_gomes_de_oliveira_-_um_arcebispo_n.pdf> Acessado em Jan. 2012.

MORAES, Neida Lúcia. *Novo Atlas Escolar do Espírito Santo*. Vitória: Grafer, 1997.

NEVES, Luiz Guilherme Santos; PACHECO, Renato José da Costa; FERREIRA, Renata Dinis e MURARI, Jonas Braz. *História, Geografia e Organização Social e Política do Município de Anchieta*. Vitória: Brasília Ltda, 1995.

NOVAIS, Maria Stella de. *História do Espírito Santo. Fundo editorial do Espírito Santo*. Vitória, ES.

PEREIRA, Mabel Salgado. *Dom Helvécio Gomes de Oliveira, um salesiano no episcopado: artífice da Neocristandade (1888-1952)*. Tese de doutorado em História, Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2010.

PERRONE, Adriano; MOREIRA, Thais Helena Leite. *História e Geografia do Espírito Santo*. 5ª ed. Vitória: UFES, 2003.

RODRIGUES, Elias. *A Questão Ferroviária do Espírito Santo*. Documento avulso disponível na Casa da Cultura de Anchieta/ES.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Trad. De Leonan de Azevedo Pena. Coleção brasileira, volume 210.

SCHAYDER, José Pontes. *História do Espírito Santo: Uma abordagem didática e atualizada – 1535-2002*. Campinas, SP: Companhia da Escola, 2002.

SERRÃO, Lourival. *Iriri: uma cidade que eu vi nascer*. 1972.

SIMÃO, Idalgiso. *História de uma colonização. Cachoeiro de Itapemirim: Frangraf*. 1991.

Alguns dos entrevistados (idade e ano da entrevista)

Bernadinho Souza Neto, 69 anos – 2004.

Cecília Doelinger da Fraga, 66 anos – 2004.

Eurico de Oliveira Costa – 2004.

Ernesto Francisco, 65 anos – 2004.

Eliete M. de Almeida, 51 anos – 2005.

Genézio Cardoso, 70 anos – 2004.

Gilto Domingues, -2004.

Joelson Bodart, 53 anos – 2004.

José Maria Montagoli da Silva – 2005.

José Roberto Nadu de Carvalho, 58 anos – 2005.

Leonídia Alpoim, 70 anos – 2005.

Licinho Menequele Francisco, 73 anos – 2004.
Lurdes Balliana Ferrari- 2004.
Manoel Marvila Bissa, 74 anos – 2004.
Maria Madalena Freire Moreira, 57 anos – 2004.
Maria da Penha Barbosa – 2004.
Maria da Penha Machado Cardoso, 63 anos – 2004.
Maria Lúcia Soares, 59 anos – 2004.
Martins Gonzáles de Almeida, 105 anos – 2004.
Neonidia Alpoim, 70 anos – 2004.
Noiva Fabiana Francisca, 66 anos – 2004.
Jacira Fernandes dos Santos
Otávio Pereira dos Santos, 83 anos – 2004.
Regina Lúcia Caetano Santos - 2005
Rosa Maria da Conceição Bissa, 80 anos-2004.
Sonia Maria Bissa Alpoim, 56 anos – 2005.
Venina das Neves, 64 anos-2004.